

literatura

A VIVÊNCIA SOCIAL DO GÊNERO DE MACAU OITOCENTISTA NO DIÁRIO DE HARRIET LOW (HILLARD)

*Rogério Miguel Puga**

Everyday I exclaim, What a funny world this is, and what funny people there are in it! You may laugh at the idea of seeing anything of the world in Macao, but, I assure you, we see an infinite variety of characters [...].

Harriet Low, *My Mother's Journal...*, September 17 [1831],
1900, pp. 104-5.

Em 24 de Maio de 1829, Harriet Low (1809-1877), oriunda de uma família *quaker* de Salem, Massachusetts, parte a bordo do navio *Sumatra*, rumo a Macau, para, durante quatro anos, acompanhar a sua tia, Abigail Knapp Low, esposa de William Henry Low (1795-1834), tornando-se, assim, a primeira jovem americana, de que há registo, a visitar a China. A autora de vinte anos redige vários diários e missivas que dirige à sua irmã mais velha, "Molly" [Mary Ann (1808-1851)], posteriormente reunidos e publicados pela filha da primeira, Katherine Hillard, em 1900¹.

* Bolseiro da Fundação Oriente. Versão abreviada da comunicação por nós apresentada na V Semana Cultural da China, I. S. C. S, P. Lisboa, em 26 de Janeiro de 2002. Agradecemos à Professora Doutora Ana Maria Amaro as sugestões bibliográficas.

¹ Harriet Low Hillard [*née* Low], *My Mother's Journal: A Young Lady's Diary of Five Years Spent in Manila, Macao and the Cape of Good Hope from 1829-1834*, introdução e notas de Katherine Hillard, Boston, 1900. Após as citações da obra, indicaremos as páginas das mesmas, entre parêntesis, e nas notas de rodapé referiremos a obra como HL.

Na sua residência, o n.º 2 do Pátio da Sé, no alto da Calçada de S. João², a jovem Low descreve a vivência pluricultural do enclave, bem como da cidade de Cantão, representando as facetas mais pitorescas das diferentes comunidades que compõem o tecido urbano de Macau, con-correndo, assim, para a divulgação de uma das características únicas do território, o exotismo, que se funde com a familiaridade europeia por entre estreitas e sinuosas ruas, adornadas pelo festim dos sentidos, atra-vés de sons, cores, formas, odores e significados que se ocultam por entre a observação da viajante ocidental. Ao longo dos quatro anos da redacção da narrativa íntima de que nos ocupamos, e que complementamos com outras das suas cartas³, Harriet descreve vários quadros que se acumulam durante a caracterização da vivência antropológica do Sul da China, e, tal como afirma Clifford Geertz, os métodos (etnográficos) de análise da cultura são semelhantes aos do crítico literário ao analisar um texto: "sorting out the structures of signification [...] and determining their social ground and import [...]. Doing ethnography is like trying to read (in sense of construct a reading of) a manuscript [...]"⁴, afirmações que, como veremos, se podem perfeitamente aplicar à leitura-interpretação da obra em questão.

Enquanto narrativa 'estrangeira' sobre a vivência sócio-cultural de Macau, o documento apresenta-se como uma fonte privilegiada de inter-pretações e factos historico-antropológicos, uma vez que a focalização protestante e americana da autora filtra e veicula, de forma diferente, a realidade que se desvenda perante os seus sentidos, levando, portanto, a conclusões também distintas, algumas das quais envoltas do que actual-mente designamos de preconceitos religiosos e raciais. O ponto de vista presente na obra é, portanto, o de uma jovem *quaker*, longe da segurança e conduta social do local onde nascera, e de onde se afasta a pedido de

² A casa que a família ocupa é demolida em 1979 (Cf. Manuel Teixeira, *Macau no Século XIX Visto por uma Jovem Americana*, 1981, p. 1). Sobre a Calçada de São João, veja-se ainda Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 2, 1981, p. 5. Para além de Manuel Teixeira, também Luís Gonzaga Gomes publica excertos traduzidos deste diário em *Páginas da História de Macau*, 1966. Recentemente, Cecília Jorge traduz alguns excertos da obra em três números da revista *Macau*, nos. 84, 85 e 86 (II Série): Abril (pp. 45-53), Maio (pp. 42-49) e Junho de 1999 (pp. 44-51).

³ De forma a complementar a informação do diário, recorreremos ainda a outras missivas ("letters of pre-treaty days") dirigidas a outros familiares por Harriet publicadas pela sua neta, Elma Loines (ed.), *The China Trade*, 1953.

⁴ Clifford Geertz, *The Interpretation of Cultures*, 1993, p. 9.

William Henry Low, que, entre 1829 e 1833, dirige a firma americana Russell & Co.⁵, constituída, em 1824, através da fusão de outras duas companhias norte-americanas em Macau, a Perkins and Co. e a Samuel Russell, revigorando o comércio americano na cidade⁶ que será, mais tarde, trocada pela vizinha colónia inglesa.

De acordo com Elizabeth R. Baer, "feminist critics have been engaged, during the past decade, in two projects of reclamation: the recovery of 'lost' women writers [...] and the rereading of women authors [...] to discover messages about women inscribed in their texts"⁷. Peran-te tal afirmação, e a partir da busca que fizemos em várias obras de refe-rência dedicados a escritoras norte-americanas, concluímos que o diário de Harriet Low será um texto ainda relativamente descriminado ou au-sente da crítica literária feminista inglesa e norte-americana⁸, o que será de estranhar dada a importância e carácter caleidoscópico da obra no que diz respeito aos *gender studies*, à diarística feminina⁹, à história local (de

⁵ Esta firma americana é fundada em 1818 por Samuel Russell de Stonigton, Connecticut (E. U. A.), e de 1824 a 1830 Philip Ammidon é também sócio da firma.

⁶ Cf. Jacques M. Downs, *The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy, 1784-1844*, 1997, pp. 143-189. O escritor William C. Hunter é também funcionário do tio de Harriet e sócio desta firma entre 1837 e 1842, e na sua obra *Bits of Old China*, 1885, pp. 269-70, descreve um jantar na casa da família Low: "In the year 1831, being ill, I was the guest at Macao of Mrs. Low, wife of Mr. W. H. Low, the chief of Russel & Co., with whom I was then a juvenile purser, as the local term was".

⁷ Elizabeth R. Baer, «The Sisterhood of Jane Eyre and Antoinette Cosway», 1983, p. 131.

⁸ Entre as muitas obras em que não encontramos qualquer referência à autora, destacamos Cathy Davidson e Linda Wagner-Martin (eds.), *The Oxford Companion to Women's Writing in the United States*, 1995. A própria filha da autora reconheceu já o valor da obra de Harriet Low para os estudos feministas ou *gender studies*, na introdução do diário: "It is interesting to a student of woman nature to watch the development of her mind and character amid the pleasures and trials of her residence in China" (p. vi, negrito nosso).

⁹ A diarística apresenta diversas características entendidas como específicas ao sub-género. Sendo um registo sistemático de acontecimentos e (inter)vivências, "o diário assenta a sua especificidade antes de mais (n)a narração intercalada, [...] uma enunciação narrativa intermitente, ocorrida em momentos de pausa da história, neste caso constituída pelas experiências que o dia-a-dia vai proporcionando ao autor". (Cf. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 1994, p. 105). Robert A. Fothergill, *Private Chronicles: A Study of English Diaries*, 1974, p. 11, afirma que o diário deverá ser interpretado "as a manifestation of the history of 'sensibility'— the reflection, at the level of individual consciousness, of the succession of social and cultural epochs». Já William Mathews, *An Annotated Bibliography of British Diaries*, 1950, p. xv, afirma: "[a diary is] a personal record of what interested the diarist,

Macau), e à presença portuguesa e 'estrangeira' no Extremo Oriente. Esta mesma pluralidade de significações contribuem para o estatuto especial que esta obra adquire no estudo da presença norte-americana no Império do Meio, bem como da história de Macau oitocentista. Como Katherine Hillard adverte na sua introdução da obra:

The chief interest of this diary is to those who had no personal acquaintance with the writer lies, of course, in the glimpses it gives of the conditions of life and travel in the third decade of this century, when **steam navigation** was in its infancy, and the **luxuries** that are now a matter of course to those who go down to the sea in ships were quite unknown. **It is hard to realize** that it then took four or five months, at least, to reach China, and that nearly **a year must elapse before an answer could be received to a letter sent from there.** [...] There were no such things then as canned meats, fruits or vegetables [...]. And there was no possibility of having anything washed on board the ship, an enormous amount of linen had to be carried, [...] at least six dozens of every kind of underclothing [...] for **a voyage that took the traveler from the temperate to the torrid zone and back again to the temperate.** Imagine then, a lively young girl, just past her twentieth birthday (who had been brought up in the midst of a family of twelve children, only one older than herself), suddenly **transported from the dull and extremely provincial town of Salem, Mass., to live in**

usually kept day by day, each day's recording being self-contained and written soon after the events occurred, the style usually being free from organized exposition". De acordo com a tipologia de Fothergill, podemos classificar o diário de Harriet Low como "journal of personal memoranda» (p. 17). Em relação à figura do leitor do diário em particular, Harriet Blodgett, *Centuries of Female Days*, 1989, p. 8, afirma: "For the reader, suspense is indigenous to the diary form and gives any diary a quality of tension not unlike the suspense of reading a novel or play. Yet, however unplanned, diaries are not chaotic. The reader awaits, and discovers, the completed actions, the patterns, the sequences, the obsessive concerns that may inform a diary". Igualmente à procura de "a room of [her] own», Virginia Woolf, *The Diary*, 1977-1984, p. 266, define diário como "[a] capacious hold-all, in which one flings a mass of odds and ends (20 April 1919)", enquanto Anai's Nin, *The Novel of the Future*, 1969, p. 142, define o diário como "[a] channel of communication". A propósito desta questão veja-se J. Rousset, «Le journal intime, texte sans destinataire?», 1983, pp. 435-443; M. Calle-Gruber, «Journal intime et destinataire textuel», in *Poétique*, n. 59, pp. 389-391; S. E. Kagle, «The diary as art: a new assessment», 1973, pp. 416-427; B. Didier, *Le journal intime*, 1976.

China under the auspices of the East India Company and in all the **luxury and formality** of the English society of that time. (v-vi, negrito nosso).

A filha da autora, como se torna óbvio, prepara toda uma ambiência e um contexto na mente do leitor antes que se inicie um diálogo intimista entre este último e a voz e o universo da autora. Da árdua viagem, à mudança de clima e estilo de vida, passando pela íntima ligação da co-munidade norte-americana à *East India Company* (EIC), toda uma atmos-fera se vai adensando ao longo da extensa introdução, cuja informação é complementada pelo índice e *postscript* da obra, contribuindo para a for-mação de mais uma imagem-representação, simultaneamente, de Macau e do Oriente.

O diário, iniciado uma semana após o início da travessia marítima, encontra-se dividido em oito livros ou capítulos («books») correspon-dentes aos volumes enviados separadamente pela autora à destinatária dos mesmos. O índice sumaria, desde logo, a estrutura e movimento (no tempo e no espaço) da autora, a saber: "**The voyage out/Manila/ Macao/ [...] Canton [...] /Macao/ [...] On board the Waterloo/ [...] The voyage home [...]**", ocupando Macau a parte central da obra, enquanto que os títulos da primeira e última secções lhe atribuem, bem como à viagem de Harriet, um carácter cíclico, tal como o tempo passado no enclave de Abril a Setembro, entre constantes partidas e chegadas para Cantão da comunidade masculina da cidade¹⁰. A (sobre)viver a bordo do navio *Sumatra*, a viajante norte-americana — "condemned in foreign climes to move" (*Sunday, May 31 [1929], 2*), — já afectada pela monótona rotina, inicia uma das ocupações que continuará em Macau, a leitura quer de

¹⁰ HL, op. cit., 66: "29th [April 1830].-Uncle and Mr. Russell got their chop (orders) from Canton, and are to leave us to-morrow; and dull enough we shall be for a while. Oh, I cannot bear these constant partings! But there, fate decrees!" Numa missiva dirigida a seus pais em 1832, Harriet confessa a sua preocupação em relação à saúde do seu tio Henry Low, bem como o aspecto moribundo que a comunidade masculina apresenta quando regressa da estação comercial de Cantão, informação esta que enriquece a contextualização do quotidiano (masculino e feminino) "estrangeiro" em Macau: "Uncle has been in Macao and made us a visit of six weeks, which is wonderful for him. He came down very thin but we fattened him finally so that when he left he was quite a different looking person. [...] I dread another winter's work for him, though; their constant confinement to a desk is very trying. [...] Coolidge has altered very much [...]". (Harriet Low, «Macao, (Summer), 1832.», in Elma Loines (ed.), *The China Trade*, pp. 52).

obras ficcionais quer de textos de cariz religioso, entre os quais sermões. A viagem como que vai adquirindo o estatuto e a simbologia de um ritual de iniciação que contribui para o fortalecimento e amadurecimento da autora, facto este que assume ainda uma maior relevância ao longo da estada na China, como veremos. O processo de aprendizagem de Harriet inicia-se quando da paragem em Manila, onde esta, sentindo-se na sua segunda casa, presencia diversos rituais fúnebres que descreve através de um breve apontamento 'etnográfico'¹¹.

As elipses marcam espaços e tempos em que nada digno de ser re-gistado se passa na vida da jovem Low, sendo constantes e confessadas pela autora, que dialoga intensamente com a irmã através do exercício da escrita, enquanto comenta a decisão de abordar determinadas temáticas: «**June 16** [1829]- [...] You will perhaps say, "silly creature, to put such an idea in a journal!" but this is not what can be called a regular journal, I think, and I did not mean it should be [...] this is written for you and me, so that, when I feel like it, I can sit down and open my heart.» (6)¹². No seu segundo ano em Macau, Harriet, após ler alguns poemas de Lord Byron, redige um poema que a sua tia deseja enviar para o *Canton Register*¹³, transformando-a numa "Byrona" como Mrs. D lhe chama¹⁴.

O clima torna-se também um tema recorrente ao longo de toda a obra, talvez porque influencie e determine o estado de espírito e a liberdade de acção da autora¹⁵, dando lugar a comparações entre o estranho/ diferente e o familiar para que a sua irmã compreenda ou visualize as

¹¹ HL, 19-23. Em Fevereiro de 1833, a autora descreve um casamento chinês em Cantão.

¹² Em 9 de Outubro de 1829, Harriet confessa à irmã: "I will credit you with considerable patience if you ever get as far as this in this journal." (30).

¹³ Jornal inglês fundado em 1827 por Alexander Matheson, funcionário da firma Magniac & Co. O jovem jornalista americano William Wightman Wood participou também no jornal.

¹⁴ HL, *op. cit.*, April 10 [1831], 93.

¹⁵ Em 30 de Agosto de 1830, a autora descreve um tufão que assola Macau, mas é um ano depois que a destruição em massa se pode observar em todas as partes da cidade, desde os barcos na Praia Grande aos telhados, passando por monumentos como a igreja da Penha. Após a tempestade, sopram os ventos a que os chineses chamam "a mulher do tufão" (106). Em Agosto de 1833, um outro tufão volta a espalhar a destruição pelo enclave, forçando as casas a tremer e os cules a retirar a água do chão no interior da residência dos Low, uma vez que, como a própria Harriet afirma: "windows in China are not made to keep out rain, and every now and then we find ourselves in a pond of water." (227).

experiências e os ambientes circundantes: "*August 7 [1829] [...] Seems like April weather in America, sunny and rainy. I suppose you are now melting, while we are wearing cloaks and mandarins.*"¹⁶

A parte III do primeiro livro acompanha, em 29 de Setembro de 1829, a chegada do barco às proximidades de Macau ("Macao Roads")¹⁷, sendo que, em terra firme, Russell espera a família Low, que desembarca no dia seguinte. Harriet descreve, então, a Molly a sua primeira imagem da exótica cidade que a acolherá durante quatro longos anos:

There is an immense quantity of boats all about, in which whole families live, - indeed, two or three generations. The women steer the boats, and frequently have an infant slung to their backs, -the common mode of carrying children among the poor [...].They sometimes use their children very cruelly. One idea of the Chinese amuses me exceedingly; that is, that a vessel cannot go without eyes. They therefore have a large eye painted on each side of the bow, which looks very singular; and if you ask them why, they say, "Hi yah, how can see without eye?" (27-28)¹⁸.

O primeiro contacto/impacto visual com a dimensão da alteridade de Macau, remete para a diversidade cultural desta última, uma vez que é a população marítima chinesa a primeira a merecer um comentário por parte da autora que entra no enclave por via marítima¹⁹. A representação

¹⁶ Em 1 de Novembro de 1829, Harriet regozija-se pelo bom tempo que ainda goza em Macau, por comparação às lareiras já forçosamente acesas nos E. U. A., afirmando que desejaria poder transportar todos os inválidos para o saudável clima de Macau.

¹⁷ Harriet afirmara três dias antes de chegar a Macau: "26th [September] - [...] I long, yet dread, to see this place [Macao], I have heard so many opinions about it; but I am determined to take no one's opinion but my own." (26-27). Já em Macau (2 de Outubro), a autora conversa com o capelão da EIC, tratando-o como um "buck", pois o seu criado não a informara da identidade do inglês (28-29).

¹⁸ William C. Hunter, *The 'Fan Kwae'*, 1970, [1882], p. 151, descreve esta mesma prática, acabando por esclarecer a informação que Harriet adianta no seu diário, que só seria publicado em 1900: "An eye was painted on each bow [of the boat...]", informando em nota de rodapé (n. 1): "The 'eyes' on the bows of Chinese junks gave rise to the expression, 'No got eye, no can see', under the erroneous foreign belief that the Chinese attributed to them the power of seeing and avoiding danger. This is very far from the fact. The bows of sea-going junks represent the head of a dragon, with expanded jaws and full round eyes, [...] being the symbol of the Chinese empire [...]."

¹⁹ Jacques M. Downs, *op. cit.*, p. 62, resume esta mesma sensação de novidade por parte dos americanos, ao entrar no rio das Pérolas, exótica sala de boas-vindas a Macau e Cantão: "China dazzled the American traders. [...] at least those of the lower

do gênero, ou seja, da (simbologia da) masculinidade e da feminilidade encontra-se, igualmente, presente no texto, envolta da 'estética do di-verso'²⁰, sendo que a imagem da tancareira prende a atenção de Harriet. O imaginário exótico²¹ é, assim, adensado por uma panóplia de imagens que a autora vai descrevendo ao longo dos seus passeios diários em Ma-cau, nomeadamente através de cemitérios chineses (59).

A dimensão exótica do território remete para o conceito de alteridade, fundindo-se igualmente com a dimensão europeia, logo, mais familiar, da vivência do território. A sua singularidade advém da pitoresca mescla de formas de ser e de viver que adornam a paisagem antropológica do enclave que, sendo uma plataforma multicultural por excelência até aos dias de hoje, foi, desde sempre, um local privilegiado para se testemu-nhar a vivência transcultural entre várias etnias, costumes e religiões, como a autora descobre durante uma tempestade após a ópera: "The coolies with their enormous hats, wading up to their knees, and with lanterns in their hands, presented a curious picture. [...] It reminded me of the descriptions of Venice, and I took the chairs for gondolas." (*August 6* [1833], 219).

A descoberta empírica da diferença do Outro, sendo multidimensional e fruto de contemplação emotiva, é algo difícil de conseguir de uma forma objectiva, processo este que Todorov denomina 'exotopia', ou seja, "afirmação da exterioridade do outro que acompanha o seu reconhecimento enquanto sujeito"²², e que, por diversas vezes, pode ser observado no diário: "[...] talked to Uncle about the Chinese [...], their belief concerning a future state, etc. It is almost impossible to know what they believe, there is such a great variety of sects." (*August 7* [1833], 220).

classes were fascinated by the richness and the incredible, alien diversity that China showed them both in the one small suburb to which they were confined and on the waters of the Pearl River. Among the strangest, most outlandish sights that greeted Americans at Canton was the activity on the water. The port swarmed with people and craft of every description [...] presenting] as unusual a picture as had confronted American eyes anywhere else in the world."

²⁰ Expressão cunhada por Victor Segalen, *Essai sur l'Exotisme*, 1999, p. 41.

²¹ Veja-se também o nosso verbete «Exotismo», in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos Literários*, no prelo: "Exotismo: Representação do Outro civilizacional e da sua singularidade. Como o próprio prefixo do termo indica, o exotismo, enquanto discurso sobre a alteridade, implica um movimento do olhar e dos demais sentidos para fora do Eu cultural (ocidental) [...]".

²² Cf. Tzevan Todorov, *La Conquête de L'Amérique: La question de L'autre*, 1982, p. 254.

Surgindo do espaço-mistério que ilustra as distâncias da dicotomia: Eu civilizacional — Tu Outro, o exotismo, enquanto objecto de estudo, exige uma abordagem interdisciplinar que capte toda a sua complexidade, fundindo-se, portanto, com a experiência humana que a viagem geográfica e imaginativa proporciona, espelhando a imagem de contrastes que cada civilização tem das demais, neste caso a da recém-fundada nação norte-americana, em relação ao contexto cultural, religioso e político de Macau no século XIX. A viagem da autora, real ou imaginária, mas sempre simbólica, vai-se construindo em torno de representações, por vezes hiperbólicas, de tempos, lugares e personagens em constante movimento, de e para o enclave sob administração portuguesa. Como traços e signos da estética da alteridade, poderemos listar diversos indicadores qualitativos que transportam o leitor para um universo semântico diferente do seu, onde imperam a natureza simultaneamente 'sublime' e pitoresca, a colorida arquitectura, as festividades religiosas, as tradições populares, as manifestações artísticas e desportivas, o vestuário, e o cabelo, entre muitos outros elementos. O discurso exótico poderá então funcionar como *tropos* ou técnica de simulacro e (des)familiarização do real, auxiliando a interpretação dos leitores, e indo, por vezes, de encontro ao seu "horizonte de expectativa"²³. Os Outros em Macau — europeus católicos e chineses —, são então, (des)cobertos através da ordenação de um mundo semi-encontrado que exige recursos estilísticos e uma linguagem específica para o espelhar, como o atestam as diversas imagens e a comparação por (dis)semelhança presentes ao longo do texto.

O contexto de produção do diário não poderá ser ignorado, uma vez que as preocupações e ansiedades da autora se encontram expressas de forma recorrente no tecido do texto:

Macao from the sea looks beautiful, with some romantic spots. We arrived [...] took sedan chairs and went to our house [...] The streets of Macao are narrow and irregular, but we have a garden in which I anticipate much pleasure. In fact there are two, one above the other. All the paths are of flat stones [...] you ascend to an observatory from which we have a fine view of the bay and harbor, and can see all over the town [...] a terrace and there many pretty

²³ Cf. Wolfgang Iser, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*, 1980, p. 99.

plants. With this pretty spot and a few birds I shall get along very comfortably. **I had no idea there was so pretty a place here**, but I want some one to enjoy it with. (28, negrito nosso).

Elma Loines publica uma outra carta da autora datada de 2 de Outubro de 1829, na qual esta última descreve, também, a chegada e a sua primeira impressão da cidade, embora de forma mais demorada:

[...] arrived in Macao roads at 10 o'clock, remained on board the ship for that day. [...] We arrived at Macao about 1 o'clock, when we jumped off our boat and **for the first time in my life had the honour of riding in a sedan chair through the streets of Macao**, borne by two coolies. So you see I have now arrived at the Celestial Empire [...]. You will like to know how we are situated at Macao and how I like the looks of the place. From the bay the town looks **splendidly**, the buildings all white with green blinds. It stands on a hill so that the view from the bay and harbour is really **picturesque**. **The streets** are horrid. You cannot conceive of anything more **irregular**. You would never think you were going to a street. It seems as though you were going between houses, very narrow, but our house is delightful. [...] It is the most romantic spot. We cannot see the street except through the gate, a little spot. The houses are all enclosed with high walls but there is a garden back of the house, or rather two, one above the another. [...] you come to a garden fitted in Chinese style and I admire it. Their trees they trim and they look elegantly [...] filled with vines, honeysuckles, etc. [...] you ascend [...] to the observatory, a room with windows on all sides, from which you see the bay and all round the town. It is white outside with green blinds²⁴.

Para além das típicas ruelas da cidade²⁵ e da paisagem humanizada, Harriet antevê largos momentos de bucólico e solitário prazer, por entre

²⁴ Harriet Low, «To Miss Mary Ann Low. Macao, October 2nd 1829», in Elma Loines, *The China Trade*, pp. 31-32, negrito nosso.

²⁵ As ruas de Macau por onde a autora se passeia serão novamente descritas em 18 de Outubro de 1829: "The streets here are intolerable, hilly, irregular, and horribly paved." (32), e em 15 de Dezembro de 1831: "[...] it requires a year's practice to run over these rough paths and hills. I have become quite celebrated in that way, for I go over the hills as I should over a level." (111). Mais uma conquista da autora, que em 17 de Agosto se vê forçada a ir a pé para à ópera, guardada pelas armas dos "Caffremen",

jardins e terraços com vista abrangente sob o território²⁶, cujas beleza e maravilha a jovem americana elogia. A vida social agitada, bem como os hábitos locais cedo são apre(e)ndidos pela família Low que se vê forçada a retribuir visitas (sociais) o mais rapidamente possível, "as it is the etiquette of the place to return calls very soon [...] we therefore took chairs, and called first upon Mrs. F. at the very end of the town, a most splendid house and a romantic situation. It seems a perfect paradise. [...] a veranda with a marble floor and filled with plants [...], the rooms are large, and the house seems like a palace." (*Friday, October 2* [1829], 28-29). A autora vai-se mantendo diariamente ocupada, apesar das limitações e dos hábitos sociais: "*Friday, 9th* — [...] I long to go to walk, but cannot until we have our chairs (which are being made in Canton) [...]" (29-30).

1. "THE FLOWERY FLAGGED DEVILS": A PRESENÇA E O COMÉRCIO AMERICANOS NO SUL DA CHINA

Chinese nicknames are anything if not picturesque, and when in 1784, the EMPRESS OF CHINA, flying the newly made American flag, appeared off Macao, the Chinese were intrigued by the strange combination of stars and red and white stripes. So they called it the "flowery banner," and the name still remains.

J. M. Braga, *With the Flowery Banner*, 1940, p. 1.

Pouco depois do sino de Filadélfia entoar a Independência dos E. U. A., dá-se a deslocação de uma nova comunidade para o Sul da China, agora livre das imposições da coroa inglesa. Através do comércio de chá e seda, entre outras mercadorias²⁷, com o Império do Meio, inúmeras

descrevendo, mais uma vez, as ruas da cidade: "[...] the pavements of the streets are horrible [...]. The whole width of the street is very little wider than the sidewalk there, and paved in the same way. [...]" (223).

²⁶ Antevisão essa que toma forma bem cedo, em 24 de Outubro, 1829: "After dinner felt rather dull, and retired to our summer-house, which appears to be remote from society. I took my pencil, and for a little amusement sketched a slight view of the surrounding hills, which are very pretty. [Sketching] is a delightful employment." Recorde-se George Chinnery (05-01-1774/30-05-1852), o pintor inglês que imortaliza Macau oitocentista através das suas gravuras, e com quem Harriet priva. A propósito das casas e jardins da comunidade estrangeira em Macau veja-se Maurice Collis, *Foreign Mud*, 1946, p. 244.

²⁷ Consulte-se Charles Clarkson Steele, *Americans and the China Opium Trade in the Nineteenth Century*, 1938, nomeadamente, pp. 1-35. Para uma caracterização do

famílias americanas²⁸, nomeadamente de Nova Inglaterra²⁹, constroem as suas riquezas, sendo esta actividade aliciante para diversos mercado-res e aventureiros da recém formada nação. Harriet refere essas fortunas quando da despedida de Mr. M. que regressa a casa com uma avultada soma de dinheiro acumulada ao longo de vinte anos na China (152-53). Jacques M. Downs³⁰ descreve essa mesma presença quer em Cantão, nas épocas de comércio, quer em Macau durante o período de relativo repouso, em que a comunidade feminina pode usufruir da companhia dos seus familiares e amigos do sexo masculino, daí que a expressão "Canton community"³¹, utilizada por muitos historiadores, reduza a comunidade americana apenas à sua componente masculina. Cinquenta e dois desses mercadores e familiares, vindos de Salem, via Cape Horn; de Boston, via Cabo da Boa Esperança; de Beverley e outros pontos dos E. U. A., encontram-se enterrados no cemitério protestante de Macau³².

comércio americano com a China nos séculos XVIII-XIX, veja-se Jacques M. Downs, *op. cit.*, pp. 65-72, H. B. Morse, *passim The Chronicles of the East India Company, 1635-1834*, 4 vols., 1926, e J. M. Braga, *passim With the Flowery Banner: Some Comments on the Americans in Macao and South China*, 1940, que descreve o comércio holandês de *ginseng* entre os E. U.A. e a China desde 1757, ligando, assim, os dois países, e relaciona o chá exportado de Cantão pela EIC com o *Boston Tea Party* (pp. 10-12), tal como o faz Carlos A. G. Estorninho, «Macau na história das relações sino-americanas», in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 4-6, 1954, pp. 251-52; e Carl Crow, *Foreign Devils in the Flowery Kingdom*, 1941, pp. 16-31.

²⁸ Para um estudo do comércio da família Heard no Sul da China veja-se Howard Corning, «Augustine Heard and the China Trade», *The Essex Institute Historical Collection*, July 1944. De acordo com James Orange, *op. cit.*, p. 39, em 1789, existiam em Cantão quinze navios americanos, e, em 1833-4, setenta *China clippers* da mesma nação.

²⁹ De acordo com Jacques M. Downs, *op. cit.*, pp. 234-35, é da Nova Inglaterra que parte a maioria dos mercadores (*quakers*) americanos para a China, metade do total da nação, sendo que muitos dos comerciantes nova-iorquinos têm raízes nesta mesma zona.

³⁰ *Passim idem, ibidem.*

³¹ *Idem, ibidem*, p. 9, utiliza esta mesma denominação.

³² Cf. William R. Sargent, «Macao, Portugal and the Salem Connection: Harriet Low and the Peabody Essex Museum», in *Oriental Art*, vol. XXVI, n. 3, 2000, p. 77. Jacques M. Downs, *op. cit.*, pp. 179-181 e Manuel Teixeira, «An Ancestor of two Presidents of the United States of America who Lived in Macao», in *Review of Culture*, n. 27-28, 1997, pp. 53-54, referem a estada do mercador e sócio da Russell & Sturgis, Warren Delano Junior, nascido em 1809 (Massachusetts) e antepassado dos presidentes norte-americanos Ulysses Simpson Grant (1868-1877) e Franklin Delano Roosevelt (1933-1944).

A comunidade mercantil de Salem envolve-se no "comércio da Chi-na" por volta de 1785, um ano depois do primeiro barco americano, o *Empress of China* — a cargo de um dos financiadores da Revolução, Robert Morris — entrar no porto de Cantão em 1784³³, sendo o *Grand Turk* — construído na cidade dos Low — o terceiro barco da jovem nação a che-gar aos portos do Império do Meio, abrindo o seu comércio para os mer-cadores de Salem em 1785. O país da *star-sprangled banner*, através da iniciativa de Samuel Snow, estabelece, em 1807, uma feitoria na cidade celestial³⁴ onde se encontra já a EIC³⁵, e funcionários e sócios das firmas americanas acabam por produzir algumas obras, hoje clássicos únicos, sobre a presença estrangeira no delta do Rio das Pérolas³⁶.

Na década de (18)20 já algumas companhias americanas dominam o comércio com a China, sendo a maior agência em Cantão pertença do nova-iorquino Thomas H. Smith, enquanto o conjunto de firmas inclui

³³ De acordo com Manuel Teixeira, «Samuel Shaw: The First American Cònsul in Macao», in *Review of Culture*, n. 27-28, 1997, pp. 45-47, um soldado na Guerra da Independência americana, Samuel Shaw (1754-1794), visita o enclave a bordo do *Grand Turk*, no Verão de 1784, sendo, posteriormente, nomeado primeiro cònsul americano na China.

³⁴ Cf. Lindsay e May Ride, *An East India Company Cemetery: Protestant Burials in Macao*, 1996, pp. 15-16. Sobre as relações sino-americanas vejam-se: Kenneth Scott Latourette, *The History of early Relations between the United States and China, 1784-1844*, 1917; Foster Rhea Dulles, *The Old China Trade*, 1930; George H. Danton, *The Culture Contacts of the United States and China: The Earliest Sino-American Contacts, 1784-1844*, 1963 [1931]; Tyler Dennett, *Americans in Eastern Asia*, 1963 [1922]; Elma Loines, *The China Trade...*, 1953, pp. 1-10; Kwang-Ching Lui, *Americans and Chinese*, 1963; Ernest R. May *et alii* (eds.), *America-East Asian Relations: A Survey*, Harvard University Press, Cambridge, 1972; John King Fairbank, *Chinese-American Interactions: A Historical Summary*, 1975; Edward D. Graham, *American Ideas of a Special Relationship with China, 1784-1900*, 1988; Jacques M. Downs, «The Commercial Origins of American China Policy, 1784-1844», in Jonathan Goldstein *et alii* (eds.), *America Views China*, 1991, pp. 55-61.

³⁵ De acordo com Elma Loines, *The China Trade*, p. 3, "from the very beginning of America's China trade there was keen competition with the British [...]. But as they [the English] always had to purchase teas, silks, and chinaware with silver, they found a ready use for the Spanish dollars which the Yankees brought in. The solution to this competition was early found by the merchants of Salem and Boston, who discovered that the Chinese wanted furs in quantity, also sandalwood from the Sandwich (later Hawaiian) Islands, and that Mandarins had a fondness for beche-de-mer [...]. Ginseng alone was not enough of a cargo [...]"

³⁶ Nomeadamente dois funcionários da Russell & Co., o já referido William C. Hunter, *The 'Fan Kwae' at Canton Before the Treaty Days 1825-1844* (1882); *Bits of Old China* (1885), cuja obra aborda personagens e paisagens semelhantes às de Harriet Low, que, por sua vez, refere *Sketches of China* (p. 101) da autoria de outro funcionário, William Wood.

nomes como Olyphant & Co.; Wetmore & Co., e Perkins & Co., fundada em 1806, e mais tarde assimilada pela Russell & Co³⁷.

2. A VIVÊNCIA MULTIRELIGIOSA

Para além do choque cultural, a comunidade norte-americana tem, igualmente, de se conformar com as vivências religiosas da cidade³⁸, em detrimento das práticas protestantes, como o auto-exame de consciência a que Harriet se submete, nomeadamente, em 18 de Setembro de 1831, não admirando, portanto, que as entradas do diário apresentem duas vertentes, a espiritual, e a 'quotidiana'. Inicialmente, as actividades sócio-religiosas que mais chocam a autora são as visitas dominicais, após a missa, ao contrário do retiro espiritual a que os puritanos de Salem se entregam no dia santo, pelo que, várias vezes, podemos ler elaborados retratos de sonoras festividades chinesas do milenar calendário lunar e procissões católicas em Macau, cuja simbologia a jovem desconhece, não conseguindo descodificar as mesmas:

Sunday October 11 — [...] You have no idea how difficult it is to keep alive one's religious feelings here or to pass a Sunday in proper manner [...]. You see there is no country like ours for religious principles. The Chinese pay no sort of regard to the Sabbath, but go on with their work as usual. You hear their gongs every little while, chin-chining joss. This is a feast day with the Catholics. [...] A few, our comprador (steward)³⁹, came in this afternoon to ask if

³⁷ Para um estudo exaustivo e particular de cada uma das companhias americanas a operar em Cantão e Macau veja-se Jacques M. Downs, *op. cit.*, pp. 143-220, e ainda um pequeno historial da Russel & Co. (1823-1844) de William C. Hunter, *The 'Fan Kwae'*, p. 156.

³⁸ A autora descreve, aos pais, os sons que ouve da catedral e a *azáfama* a que as celebrações religiosas da cidade obrigam, criticando as práticas católicas das suas congéneres portuguesas: "[...] I hear the sound of *the padres* chanting every word, and the people are all on their way to Mass. Tomorrow is good Friday and today the people or the women are obliged to visit all the churches. They dress in their best and we see them going in crowds from morning till night. This week they confess all their sins, obtain absolution (if they can pay for it) and are all ready to begin a new account, poor ignorant creatures, but how happy they must feel if they really do feel that they are absolved. I daresay many of them do." (Harriet Low, «Macao, April 20th, 1832. To Mr. And Mrs. Seth Low in New York», in Elma Loines, *The China Trade*, p. 50).

³⁹ Para um estudo sobre a figura do *compradore* como *middleman* entre chineses e estrangeiros no século XIX consulte-se *passim* Yen-P'ing Hao, *The Compradore in Nineteenth Century China: Bridge Between East and West*, 1970.

we wanted to see a *walky* [from the terrace] a Catholic procession, and it was worth waiting for, though I cannot tell you what it meant or anything about it, except that men were dressed in loose white satin trousers [...] and they carried lighted candles. There were several little girls, rigged up with wings to resemble angels, and a fine band of music⁴⁰. The canons all round the fort were fired, and the bells were ringing. It seems [...] more like a festival than a Sabbath. (30-31).

Nove meses depois, a procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos⁴¹, é também descrita:

Seven o'clock, Sunday Eve. [28 February 1830]- I have just returned from seeing a procession of this wretched set of people, the Catholics. If I could discover any signs of devotion in their hearts, I could tolerate them; but to see such mockery is beyond everything. In the first place came six or seven men with muffled drums, and black silk drawn over their faces. They were all dressed in black robes. I do not know what they represented⁴². Then followed others, bearing a banner with the cross and other banners with Latin inscriptions. [...] Then followed about twenty little girls dressed as angels, with wings, hooped petticoats, and all sorts of finery. Then followed men chanting, [...] without hats. Then came a car borne by four men, with the image of our Saviour bearing the

⁴⁰ Procissão da Maternidade de Nossa Senhora.

⁴¹ Para um estudo desta procissão veja-se Ana Maria Amaro, *passim* «A Procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos em Macau», 1987. De acordo com a autora, p. 1, a mais antiga notícia relativa a procissões em Macau data do século XVI (1563). A obra de Chéong U Lam e Iuan Iám, «Ou Mun Kei Leok», trad. de Luís Gonzaga Gomes, Macau, 1940, descreve igualmente os cortejos do enclave, com determinadas semelhanças com o relato de Harriet Low: "[...] Adiante marcham as crianças estrangeiras, recitando as litánias, sendo seguidas por outras crianças estrangeiras disfarçadas em divindades com cabelos despenteados e asas que se movem, subindo e saltando [...]". Também a freira francesa Alina Agniard, das Filhas de S. Paulo de Chartres, descreve a Procissão dos Passos realizada no primeiro Domingo da Quaresma de 1860, embora através do filtro católico: "[...] Estes senhores iam revestidos de grandes opas de seda violeta e vermelha. Crianças vestidas de anjos levavam os instrumentos da paixão. Sete vezes no percurso o povo se prostrou no meio das ruas a pedir misericórdia [...]" (*Apud* Ana Maria Amaro, «A Procissão...», pp. 5 e 7 respectivamente). Veja-se ainda *idem*, *ibidem*, pp. 18-19 para a descrição desta mesma celebração por Andrew Ljungstedt em 1832.

⁴² Os chamados *farriocos*.

cross. [...] Then followed more padres, chanting. Then the mili-tary, with a band of music, then citizens, in their ordinary dress. The bells were ringing. There was no order, nor did the people [...] appear to feel anything. They bore long lighted candles in their hands; but these they used as weapons of defence, thrusting them into the children's faces as they passed. [...] It is now Lent, and they have many of these processions. (55-56).

Harriet, afirmando não querer julgar ninguém, acaba por fazê-lo, ao confessar não entender toda esta representação e manifestação de religiosidade popular, sendo curiosa a descrição que elabora a partir das suas recordações do cortejo, e que nos permite verificar de que forma a mente da jovem de Salem capta, filtra e regista um ritual em que os participantes constitutivos do préstito se encontram simbolicamente divididos, tal como descrito. O facto de os homens tirarem o chapéu demonstra o respeito pela presença do corpo de Cristo ou dos santos no séquito de andores e bandeiras, facto este que talvez a jovem americana desconheça, tal como a inculcação catequética subjacente ao evento festivo. Em 9 de Abril (1830), Sexta-Feira Santa, outra procissão volta a merecer uma elaborada descrição, agora, e apesar das restrições do filtro mental puritano⁴³, através de um registo mais positivo, como os próprios advérbios de modo o indicam: "*Good Friday, April 9.-[1830]* [...] Then came a coffin covered with black, and an image to represent the body of our Saviour just taken from the cross. Behind that, his mother and two other women [...], a fine band of music, and I certainly never heard anything more solemn. They paid softly and slowly [...] The streets were thronged with people, and all hats were off." (63). Apesar da diferença entre as práticas religiosas, um ano mais tarde, o som do órgão no interior da catedral da cidade transporta a autora imediatamente para Salem (p. 90), tentando esta última descre-ver uma "procissão" chinesa, em 6 de Agosto (1830):

⁴³ Apesar da agradável música que acorda a autora protestante, os comentários em torno da leviandade da representação pictórica do Salvador continuam na descrição de uma outra procissão no dia seguinte: "*Sunday, April 11 [1830]* - [...] I could not help thinking how can any man that represents the Saviour ever sin more? [...] It makes me shudder." (64), comentário repetido em 13 de Agosto de 1832 quando da procissão que simula o enterro de Nossa Senhora, em que o cortejo carrega um caixão com uma imagem feminina (139).

[...] it seems they are dedicating a new church, or Joss house , and it makes a great fuss in town, but, were I to fill page after page, I fear I should fail to give you an idea of it. [...] its length, and its variety of objects, dresses, music, etc., were beyond everything. The dresses [...] splendid [...] made out of the most splendid colors and materials you can imagine, [...] in a style that cannot please the eye of any person of taste. There were females splendidly attired, on horseback, and sitting astride; little boys rigged up in the most grotesque hats and dresses, [...] carrying [...] banners of the richest colors. [...] children suspended in the air, so that they appeared to be standing on nothing, they were so ingeniously contrived. [...] a little Venus, coming out of her shell, and millions of other things that I am sure I cannot remember. [...] Oh, I must not forget the interesting pigs! Poor piggy was murdered, roasted, and lacquered for the occasion, and carried along on cars. There was one lamb [...] set up on a car as though it was alive. [...] You must know at all the marriage processions, funerals, or what not, these poor innocent pigs are sacrificed. They were followed by cars filled with fruit, presents to Joss, I suppose. (70-71).

A jovem, incapaz de representar a diversidade exótica do cortejo chinês através da escrita, tenta, no entanto, filtrar os pormenores que mais lhe chamam a atenção, a saber: o vestuário, as cores e os sons que enumera, através da repetição do adjetivo "splendid" — com a variante do advérbio de modo "splendidly" — e de uma sugestiva aliteração, cujo ritmo parece reproduzir nas páginas do diário, como se de uma onomatopeia se tratasse; efeito este suportado igualmente pelas exclamações e interrogações. A questão estética encontra-se também presente através da sensação de estranheza perante quer a forma como a indumentária chinesa é envergada quer o som dos gongos, mero ruído para a autora⁴⁵. A imensidão e o desconhecimento de práticas e adornos

⁴⁴ De acordo com Manuel Teixeira, *Macau no século XIX*, p. 39, a procissão não tinha como objectivo comemorar a inauguração de um templo, tratando-se sim da festa anual da *T' in Hau* [Imperatriz do Céu, também designada *T' in Fei*], protectora do templo da Barra e dos pescadores, a quem protege os filhos e a vida durante as viagens. A festa é ainda hoje comemorada em Hong Kong.

⁴⁵ HL, *August 6.* - [1830], 70: "If such discordant sounds can be called music, it must have been the height of perfection, for never was there such a noise, the horrid gongs beating so that we could not hear a person's voice, though ever so near."

remetem para a incapacidade que a jovem *quaker* sente de as memorizar no seu todo, sendo curiosa a comparação clara entre o motivo da pequena chinesa a sair de uma concha e o quadro "O nascimento de Vénus" de Sandro Botticelli (c. 1444-1510), recorrendo a autora às artes plásticas para estabelecer um paralelismo entre a '*ekphrasis*' em *performance* nas ruas de Macau e a alegoria do pintor florentino.

Temos, portanto, quatro formas de (con)viver em contraste na cidade: a inglesa, a americana, a chinesa e a portuguesa, cada uma com as suas singularidades e especificidades sócio-culturais, que exigem das demais um determinado grau de adaptação e tolerância.

Em 18 de Maio de 1830, as festividades em honra de Santo António e a iluminação da igreja da Pena coincidem com o vigésimo-primeiro aniversário da autora, pelo que a celebração se torna dupla. Cerca de dois anos depois, Harriet descreve e critica a decoração simbólica da igreja de São José, no Domingo de Páscoa, bem como o elaborado jogo alegórico e teatral de sombras e luzes que metaforiza a ressurreição de Cristo: "[...] the altar is dressed in black, and no light from heaven is seen, till suddenly the black is withdrawn, and flowers drop from above, and the joyful tidings of the Resurrection are made known. I must say the Catholics are much more strict in their outward observances of religion than any others, but I cannot say how far the heart is concerned. However it is not for us to judge." (*April 23, Easter* [1832], 121).

No seu último ano em Macau, a jovem unitária presencia um funeral católico, descrevendo a prática que caracteriza como extorsão da população pelos padres através de sufrágios:

[...] the Franciscan church, a very neat, pretty place, beautifully situated, as is also the monastery attached to it. [...] They always bury their dead in the churches⁴⁶, and the manner seems to us very shocking. The body is carried through the streets exposed

⁴⁶ Em Portugal, até 1844-45, enterram-se os mortos no interior das igrejas, altura em que Costa Cabral proíbe essa mesma prática. De acordo com Maria Manuela Tavares Ribeiro, «A restauração da carta Constitucional: cabralismo e anticabralismo», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, vol. V: *O Liberalismo*, 1993, p. 112, esta mesma medida gera oposição popular desde 1835, quando a lei de Setembro ordena a construção de cemitérios. Temos, portanto, cerca de dez anos depois de Harriet observar um "cemitério" católico em Macau, legislação na metrópole que proíbe o enterro de mortos no interior das igrejas, se bem que as práticas não correspondam, de imediato, à vontade do legislador, sobretudo em Macau, a uma longa distância do poder central do império.

in the coffin, it is taken into the church and put into the grave without the coffin, it is first covered with quicklime, and then the earth is beaten down hard upon it by the black boys. When the flesh has decayed, the bones are sometimes taken up and burned. No female friends ever follow the funeral. The padres chant and read prayers in the church, and the bells ring most furiously from the time the person dies till he is buried, [...] in a very short time. The priests, as in all Catholic countries, exact large dues from those who are able to pay for their prayers, and are very extortionate to the poor, I am told. (*February 17 [1833]*, 176).

Em Julho de 1833, o costume tradicional chinês quando da morte da mãe do Imperador são igualmente descritos, tendo a população que andar de luto durante cem dias, não podendo os homens fazer a barba, descrevendo Harriet os funerais chineses: "The rich about Macao bury their dead on the tops of the highest hills, and put around the graves an immense deal of stonework." (221).

No enclave encontra-se também um dos primeiros missionário pro-testantes a entrar na China, o intérprete da firma Jardine Matheson & Co., Dr. Robert Morrison, que traduz o Novo Testamento para chinês, compila um dicionário e uma gramática da mesma língua, funda uma escola anglo-chinesa⁴⁷ em Malaca; ensinando ainda chinês a muitos dos ingleses em Cantão e Macau, enquanto Harriet, de Dezembro de 1832 a Janeiro de 1833, ouve os seus interessantes sermões e segue os seus con-selhos.

3. ESPECIFICIDADES DO GÊNERO E DA VIDA SOCIAL

Em Macau, sociedade predominantemente patriarcal desde a sua fundação, a comunidade feminina estrangeira fica praticamente à sua

⁴⁷ De entre os alunos da escola protestante de Dr. Morrison em Macau, e, mes-mo antes da fundação do estabelecimento, entre 1818 a 1825, inúmeros chineses estudam na *Foreign Mission Scholl* americana, em Cornwall, Connecticut. Veja-se Murray Rubenstein, *The Origins of the Anglo-American Missionary Enterprise in China, 1807-1840*, 1994. W. W. Cadbury e M. H. Jones, *At the Point of a Lancet*, 1935, reconhe-cem a importância primordial de Macau para as actividades missionárias americanas na China: "Macao's historical importance lies in the fact that she was the bridge to the almost hermetically sealed city of Canton. [...] Macao provided a place where these men [missionaries] could stand while they were knocking at the gate of China." (*Apud J. M. Braga, op. tit., p. 53*).

própria mercê durante as épocas comerciais em que os seus familiares e amigos homens se deslocam para Cantão, o que se torna mais evidente em momentos de pressão ou perigo, como em 7 de Dezembro de 1832, quando alguns ladrões tentam forçar a entrada na residência dos Low, ao que a autora reage afirmando: "As all the gentleman are in Canton, they would have had no opportunity to show their gallantry." (158).

Pela primeira vez na vida, Harriet sai às três horas da noite de uma festa deveras cosmopolita⁴⁸, onde se podem observar uma enorme diversidade de formas de vestir ("costumes were of all countries and ages": 31)⁴⁹, de tocar⁵⁰ e de queimar fogo-de-artifício na casa dos anfitriões (31, 43). De acordo com Jacques M. Downs, "in the years before the treaties, Anglo-American social life in China attained its fullest development at Macao, where traders of both nationalities periodically retired. The genteel, decaying Portuguese colony became the Ascott, the Monte Carlo, the Riviera, and even the home of tired traders after a busy tea season at the factories"⁵¹.

A autora, no início da sua estada, afirma ser a única jovem solteira na cidade, pelo que se torna, facilmente, o centro das atenções dos inúmeros comerciantes e habitantes da cidade em todos os eventos sociais: "[...] I am the only spinster in the place, and I am pulled about in every direction" (34), observando, durante as festas para as quais é convidada, a forma diferente como os portugueses e ingleses recebem os seus convidados: "I like the manner of fixing the supper tables here. They have small tables holding about ten, which makes it much more social. (35) [...] We had satin play-bills sent us this morning, which I shall send to

⁴⁸ É impressionante o número de nacionalidades presente numa das festas de Harriet, conforme a própria sugere: "[...] American ladies, English, Spanish, Portuguese, French, Swedes, Scotch, and I'm sure I don't know what others." (*11 th* [April 1832], 121).

⁴⁹ Em 18 de Agosto de 1830, um grupo de ingleses chega de Calcutá, envergando as últimas modas da cidade indiana sob administração inglesa. Esta será sempre uma preocupação da autora, que cerca de um ano mais tarde afirma: "What slaves to fashion we are!" (*March* 28 [1831], 92). A influência da moda das colónias inglesas em Macau testemunha o intercâmbio cultural entre as várias cidades da rede comercial dos euro-peus no Oriente.

⁵⁰ Desde bandas filarmónicas ao piano e guitarras/violinos portugueses, o rol de presenças musicais nos saraus e danças é enorme: "Had the guitar too, and four Portuguese musicians, to the grinding of whose fiddles we danced." (*11 th* [April 1832], 121).

⁵¹ Jacques M. Downs, *op. cit.*, p. 49.

you, that you may see the style in which everything is carried on in Macao. I assure you everything corresponds." (*November 23 [1829]*, 45)

O facto de o diário ser redigido por uma jovem mulher faz-se sentir nas inúmeras e atentas descrições dos vestidos que esta leva às festas de Macau, adiantando uma certa competição entre o sexo feminino inglês e norte-americano: "The ladies here dress a great deal, and we do not pretend to vie with the English ladies in anything but good conduct." (*November 9 [1829]*, 41). A 'coscuvilhice' (*gossip*) da pequena colónia portuguesa acaba por invadir, várias vezes, o espaço íntimo de Harriet⁵², que informa a irmã da sua solidão e mudança de sentimentos em relação à cidade, onde se sente engordar de dia para dia, embora, devido ao défice de mulheres jovens no território, não sinta qualquer rivalidade:

You have no idea how circumspect it is necessary to be in this place! This gossip concerns me only as it concerns the whole sex⁵³, but I intend to learn a lesson by another's experience. It is about a lady who has been staying in Macao for the last six months. Thank fortune, she has now gone! It really made me quite melancholic [...]. it is a heartless way of living. There are but few here we can put confidence in [...] I have no one to walk with, and it is not proper for me to go alone. (*November 12-;* 41) [...] It would not be so if there were many ladies here, but you know they are scarce. There are twenty times as many gentlemen, only a little sprinkling of ladies⁵⁴. I have no rivals, as there is but one spinster in the place. (*November 18 [1829]*, 44).

⁵² O facto de inúmeros mercadores americanos manterem amantes, sobretudo chinesas, em Macau seria alvo de falatório, embora camuflado por toda a comunidade, que, gradualmente, se vai familiarizando com esta mesma prática.

⁵³ Ao longo de todo o diário, a autora demonstra um enorme interesse por temáticas relacionadas com o sexo feminino, quer nativo quer das metrópoles coloniais, comentando, em 10 de Dezembro de 1832, os comentário que Mr. Inglis faz das mulheres: "I think he has not much respect for the fair sex [...]. He speaks highly of American ladies, but the ladies in India he cannot abide, and, indeed, they are but toys. They are designed by their parents, from childhood for the India market. They are taught to dance, sing, and play [...] and are then fitted up and sent out in shiploads to be disposed of to the highest bidder. [...] from people who have lived in India I have heard the most melancholy description of such marriages, more than half of them turn out unhappily. The climate makes Englishwomen unfit for anything, and they lead a listless, vain, and useless life." (159).

⁵⁴ De acordo com Maria Manuela Lucas, «Organização do Império», in José Mattoso (dir.), op.cit., volume V: *O Liberalismo*, 1993, pp. 296-297, "Segundo a

Cerca de três anos mais tarde, a autora será alvo de falatório no enclave ao permitir a companhia de um amigo — D. — durante alguns passeios nocturnos, comentários sobre os quais a jovem afirma rir-se, receando, no entanto, que os rumores cheguem aos ouvidos da família, no continente americano, daí que deseje um futuro mais livre, sem es-cravos e barreiras como a ignorância, pois só aí as mulheres — "poor degraded things!" (177) — viverão de forma digna. Em Maio de 1833, numa das muitas sessões de ópera onde se encontram "todas as belezas e modas" da cidade, o sexo feminino indigna-se com a chegada de uma mulher, luxuosamente vestida e seguida pelo seu criado, com a qual nenhuma outra "senhora" digna se relacionaria.

As referências a passeios pelas ruas, no Campo⁵⁵ e nas ilhas adjacentes⁵⁶, são constantes quer a pé, na companhia de cules ou de amigos, quer nas cadeirinhas que transportam os membros das famílias abastadas, conferindo aos mesmos um estatuto e prestígio demarcados⁵⁷. A autora afirma encontrar nesses passeios por Macau: "Portuguese and Chinamen, who annoyed [them] very much by their intent gaze" (*Sunday, October 18, 32*), deparando-se durante este mesmo *tour pelo território*, com duas chinesas com pés enfaixados, prática este que merece um longo e admirado comentário, com base no seu saber, agora de experiência feito:

opinião de G. Clarence-Smith, parece remontar a esta época a fama do jogo, do culto da moda e da elegância e também da prostituição, resultante da afluência de homens solteiros e de concubinas não chinesas."

⁵⁵ Em 27 de Outubro de 1829, um grupo de amigos de Harriet organiza um passeio ao Campo: "a beautiful place some way out of town between the two high hills, with the sea washing up on one side. [...]" (37). De acordo com Austin Coates, *China Races*, 1984, p. 4, n. 1, o Campo "[...] consisted of just under two miles of open countryside beyond the city wall, as far as the narrow neck of the Macao peninsula. [...] Beyond this was the Barrier Gate [Portas do Cerco] [...] In Portuguese the Cam-po referred to a recreation ground which once existed just outside the city wall, beyond the present-day Rua do Campo. In Chinese the equivalent word refers to the whole area between the city wall and the Barrier Gate."

⁵⁶ Em Maio do último ano em Macau, a autora vai a 'Lappon' visitar umas rochas que produzem um barulho semelhante ao dos sinos, sendo o cenário ainda mais bonito que o de Macau. É aí, no lago e no ribeiro Inha, que a roupa dos portugueses e ingleses é lavada: "the rocks are the scrubbing-boards, and you may judge what work they make of the clothes." (205). Numa carta (Macao, April 20th, 1832) publicada por Elma Loines, *The China Trade*, p. 50, Hillard diz seus pais "Well, you must know I have to be my own tailor now. All my dresses want repairing, for the washman beats them to pieces dreadfully."

⁵⁷ Cf. Ana Maria Amaro, *O Traje da Mulher Macaense...*, 1989, p. 130.

[...] We saw two of their women with small feet. I was perfectly astonished, although I had heard so much of them; but I never believed it, and always supposed I must be deceived. These women's feet were about the size of our little's Charley's⁵⁸. [...] I thought she must be in torture, but she walked apparently with the greatest ease. Both women carried little canes. (32).

Como podemos verificar através do diário, se é verdade que a distinção entre homem e mulher é universal, também é verdade que as formas como estes seres humanos interagem simbolicamente, entre si, bem como a forma como os seus corpos são distinguidos, o papel que cada um tem na reprodução da espécie e os atributos culturais de cada um, variam de cultura/comunidade para cultura/comunidade. Assim sendo, a construção social quer da masculinidade⁵⁹ quer da feminilidade varia de acordo com os mais diversos factores, sendo a compreensão do conceito 'género' influenciado cultural e até emotivamente, no que diz respeito à interacção e reprodução social⁶⁰. O termo género remete, en-tão, para a articulação e elaboração simbólicas e culturalmente específicas destas mesmas diferenças e categorias⁶¹.

Relativamente a outros marcadores simbólicos do género, o texto refere a comprida barba ao estilo inglês (43) e a forma como os homens chineses cortam o cabelo: "The men here dress their hair most singularly, having the front of the head shaved close to the skin, while the hair is

⁵⁸ De acordo com a *editor* a criança da família tem, então, três anos de idade.

⁵⁹ Cf. R. W. Connel, *Gender and Power*, 1993, p. 284: "The physical sense of maleness [and femaleness] is not a simple thing. It involves size and shape, habits of posture and movement, particular physical skills and the lack of others, the image of one's body, the way it is presented to other people and the ways they respond to it, the ways it operates at work and in sexual relations [...]"; Miguel Vale de Almeida, *Senhores de Si*, 1995, p. 15: "as relações entre os géneros [são], na base, relações de poder, assimetria, e desigualdade, e não simplesmente relações simétricas e complementares [...]", sendo que o estudo do género se acrescenta aos das relações com base na idade, status, prestígio, classe social e outras.

⁶⁰ Cf. Roger N. Lancaster e Micaela di Leonardo, *The Gender Sexuality READER*, 1997, p. 5. O estudo do género, de acordo com estes autores, deverá veicular o todo que a Humanidade representa, e não dividi-la. O conceito de género é igualmente uma concepção cultural, uma leitura que fazemos de nós mesmos e de terceiros. Como afirma Nancy Holmstrom, «Race, Gender...», 1998, p. 97: "There is no necessary connection between sex and gender, nor between sex, gender, and sexuality. Nor should the sex/gender distinction be understood as pure biology versus pure culture. No aspect of human existence is entirely separable from culture [...]".

⁶¹ Cf. Maurice Bloch, «Gender», 1996, p. 253.

allowed to grow long on the back of the head and is braided from the top [...]. They take great pride in the length of their hair." (32).

Sendo as questões relacionadas com o género — atitudes, papéis sociais e estereótipos, entre outras — influenciadas pelo espaço e pelo tempo histórico, tornando-se, portanto, culturalmente relativas⁶², muitas das questões elaboradas noutros capítulos deste nosso estudo pren-dem-se, directa ou indirectamente, com esta temática. Em 1 de Novembro de 1829, a família Low é visitada pelo mercador chinês Mouqua, perguntando-lhe Harriet por que razão não é permitida a entrada das mulheres europeias em Cantão, ao que este responde, cordialmente, em *Pidgin English*: «"Too muchy want to look." He said too, "Canton too small; no walky."» (38).

Uma outra descrição das comunidades quer portuguesa quer chinesa tem lugar quando da primeira visita⁶³ às pistas de corridas de cavalo na Areia Preta, mais uma das atracções e entretenimentos de Macau:

November 5 [1829]- [...] but without thinking that I should enjoy myself. The race-ground is at what is called the Barrier⁶⁴, which prevents all foreigners from passing over the spot. The course is about three-quarters of a mile. It is a delightful place, and I was much amused by the novel scene. There was a temporary house of bamboo built for the ladies, and I assure you, my dear sis, it was very interesting to look upon the motley group below us⁶⁵. Chinese of all descriptions, dressed in their most singular costume, some with these large basket hats [...] carrying a fan which they hold up

⁶² Cf. Rogério Miguel Puga, «Género», in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Ter-mos Literários*, no prelo.

⁶³ Quando da segunda visita às corridas, a autora desloca-se de barco (21 de Março de 1831).

⁶⁴ *Barrier Gafe*, ou seja, as Portas do Cerco. Para um breve relato dos jogos com cavalos em Macau no século XVII, vejam-se os nossos artigos «Images and Representations of Japan and Macao in Peter Mundy's Travels (1637)», in *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 1, 2000, p. 104ss; «A dimensão multicultural de Macau em *The Travels* de Peter Mundy (1637)», in MacaU, 2002, no prelo. George Woodcock, *The British in the Far East*, 1969, p. 190, refere estas mesmas corridas.

⁶⁵ De acordo com a descrição de Austin Coates, *China Races*, pp. 8-12, podemos afirmar que Harriet se encontra no "Ladies Stand" propositadamente construído para as senhoras de Macau: "The Stand was erected in the curve of the hill, with tumbling slopes covered with bushes and fringed with flamboyants and bamboo on either side, and ahead the broad Pearl River, with Castle Peak and Lantao Island far away in the blue distance." (Idem, *ibidem*, p. 12).

to screen them from the sun [...] Portuguese and Lascars [Indians] were mixed with the Chinese, and to hear the mixture of languages — none of which I understood — made me think of the confusion of Babel [...] Some of the races were very good, and some large bets were made. (39-40).

Temos, portanto, a imagem bíblica de Babel⁶⁶ à qual Harriet recor-re, no seu quarto dia no enclave, para descrever a panóplia de línguas e vestuários que desfilam entre ela e a pista de cavalos, envoltos do jogo e das apostas que são tradição secular na cidade. O próprio pastor inglês, Mr. V.[achell], faz as suas apostas, originando um sentimento de repulsa religiosa por parte da autora que confessa não lhe agradar ir à missa, depois de o ver apostar nas corridas, substituindo esse ritual religioso pela leitura íntima de um sermão. (40), começando a ansiar por cartas e novidades de casa, trazidas pelos pouco frequentes barcos vapor (52-53).

As atracções do enclave são diversas, e, em 14 de Novembro (1829), a jovem americana participa na sua primeira refrescante *water-party*⁶⁷, na "Isle de Verd", durante a qual a natureza circundante se anima para adornar um quadro singular, em que não falta a preocupação 'etnográfica' da autora.: "The scenery all around us was delightful. The sun was behind us [...] and shedding its softened beams upon the city of Macao, adding much to its beauty. As we approached, the busy scene before us was quite new and amusing. A vast number of poor people lived upon the water, and appear quite cheerful and happy." (42). Cerca de um ano depois, Harriet visita também a ilha da Lapa, na companhia do famoso comerciante James Matheson: "we visited the Joss House, which is situated in the most **picturesque** manner on the declivity of a high hill [...]" (*March 2 [1831]*, 87, **negrito nosso**)⁶⁸, sendo o adjectivo utilizado

⁶⁶ George Steiner, *After Babel: Aspects of Language and Translation*, 1975, p. 56: "languages have been, throughout human history, zones of silence to other men, and razor-edges of division" (**negrito nosso**).

⁶⁷ Durante uma das muitas festas a bordo de uma embarcação no Rio das Pérolas (22-07-1831), Harriet contempla uma paisagem a que hoje poderíamos chamar de Chinneriana, uma sampana dirigida por duas jovens, transcrevendo um excerto da obra *Sketches of China* de W.[illiam] Wood (Filadélfia: 1830), que refere esta mesma prática feminina.

⁶⁸ Numa carta dirigida ao seu irmão A. A. Low (Dezembro de 1831), Harriet descreve minuciosamente este mesmo passeio à Lapa: "[...] I was invited to join a party of pedestrians on a trip to the Lappa. I went and never enjoyed anything more. I have hardly sobered down yet. [...] the party assembled [...] consisted of Mrs. Davis,

para caracterizar o templo sugestivo da imagem human(izad)a e arqui-tectónica de Macau. A jovem Low regressa a esta última ilha para mais um piquenique, comparando o seu verdejante cenário às Terras Altas escocesas e ao País de Gales, enquanto as refrescantes quedas de água lhe recordam Niagara. "A stretch of imagination" (14th [May 1832]; 126), como a própria confessa, e, mais tarde, sentada nas rochas da Baía de Cacilhas, recorre a uma hipérbole para veicular o prazer e calma que aí usufrui: "[...] a lovelier view was never beheld by mortal eye. It is a place where we can sit and reflect without wishing for company [...]". (April 28 [1833], 198).

Em 16 de Fevereiro de 1830, nove meses após a sua chegada, a autora refere um acontecimento deveras empolgante para todas as co-munidades de Macau, a ida de Mrs. Fearon⁶⁹ e Mrs. Baynes, com os seus filhos, a Cantão (64), chegando à cidade em 20 do mesmo mês⁷⁰, e logo chamadas à presença dos mercadores *Hong*⁷¹. O sexo feminino em Macau sente diariamente pressões e inibições sociais, tais como apenas poderem sair à rua de cadeirinha ou convenientemente acompanhadas, facto que contrasta com a vida mais privada e livre que a família Low leva na América⁷², daí que a jovem desabafe, à chegada de um barco americano que se demora no mar, próximo de Macau, trazendo cartas e jornais de

Mrs. Hyne and her sister, Miss Petrie and myself were all the ladies. Our guests, or beaux, were Mr. Matheson and Mr. Davis, two Scotchmen as masters of ceremonies and inviters of the party. Then there was Lt. George Frederick Dashwood, Lt. Pruyn, Lt. Mitchell, Mr. M. Daniel, Mr. Pausey and the German Missionary who, as i have said before, is a most entertaining person. [...] He wished me to write a little history of myself and compare it with the degraded state of thousands of poor degraded beings in this vast Empire. He said he would publish it among them". (Harriet Low, «Macao, December 1831. To A. A. Low, Esq., New York. (Per Howard)», in Elma Loines, *The China Trade*, p. 48).

⁶⁹ Elizabeth Noad (1794-1838), sepultada no cemitério protestante de Macau, e mulher de Christopher Augustus Fearon, cônsul de Hanover, dono da firma Fearon & Co. e agente da EIC.

⁷⁰ Para um relato dos problemas levantados face à presença de mulheres estrangeiras em Cantão veja-se a entrada do diário de 27 de Outubro de 1830 (75).

⁷¹ A respeito dos mercadores Hong consulte-se Weng Eang Cheong, *The Hong Merchants of Canton: Chinese Merchants in Sino-Western Trade*, 1997.

⁷² "15th [October 1831].- [...] It requires much patience and **submission** to get along in this place." (108, negrito nosso). Em 22 de Agosto de 1833, Harriet volta a desabafar: "Oh, hard is the lot of spinsters in Macao! Aunty and I fully agree upon these points, and I cannot enumerate the thousand little ways in which we are compelled to surrender our own wills to those of other people. I verily think, if I were condemned to live here for tem years, I should go crazy!" (224).

casa: "How I wished myself a man, that I might run to the boat and overhaul it!" (25th [February 1830], 53), queixando-se igualmente, num jantar da EIC, (12 de Maio, 1830), das restrições do protocolo social masculino que tornam as mulheres "poor dependent creatures" (66), tal como quando um grupo de mulheres americanas segue as inglesas rumo a Cantão, podendo agora a jovem realizar o seu desejo de agir com o poder de um homem, ao ter que viajar sob disfarce masculino, e sem o auxílio do braço dos galantes compatriotas, para poder entrar em Cantão⁷³. Em 6 de Novembro (1830), após subornar uma tancareira do Rio das Pérolas, ter visitado Lintin⁷⁴ e Whampoa, e enfrentado o medo das muitas carochas a bordo da embarcação, o grupo de Harriet encontra-se já numa luxuosa casa na 'cidade celestial', presença esta alvo de protestos dos mercadores *Hong*, que exigem a retirada imediata da cidade das donzelas americanas — de acordo com o Regulamento imperial de 1760⁷⁵ —, enquanto as inglesas, devido à pressão e ao poder da EIC, aí permanecem⁷⁶. O impacto visual dos pagodes, barcos de chá e da natureza nas margens fluviais promovem, na autora, a sensação de estar em contacto, pela primeira vez, com a China profunda, como o comprovam também as feitorias estrangeiras, minuciosamente descritas, e a população marítima local: "There are also houses built upon boats, and forming streets." (*Canton, November 6.*- [1830], 79). No entanto, a experiência não dura muito, uma vez que a presença feminina americana em Cantão coloca em perigo o comércio imperial — "the trade of an empire" (80) —, facto

⁷³ HL, *Canton, November 6.*- [1830], 79: "Indeed, no one would have known that we were not "all same boy" in our cloaks and caps, as we jumped out of the boat without waiting for arms."

⁷⁴ George Woodcock, *The British in the Far East*, 1969, p. 15, descreve a vida social das comunidades de língua inglesa em Macau: "The winter passed in a round of visits, balls, excursions, races and cricket matches, shared with the other contingent of merchants who carried on their less reputable business at Lintin island, in the Bay of Canton some twenty miles north-east of Macao. Lintin had become the depot where - by private arrangement with the leading mandarins at Canton - the trade in smuggled Indian cotton goods and above all in opium was operated [...]". Veja-se também William C. Hunter, *The 'Fan Kwae'*, p. 11.

⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 28. Nas páginas 119-121, o autor norte-americano descreve a visita feminina a Cantão: "The year 1830 was an unprecedented one in the annals of foreign life at canton, by reason of the coming to the factories of several English and American ladies from Macao [...]."

⁷⁶ HL, *November 17* (1830), 82: "All the Chinese outside say that Chow Tuck (or Governor Le) has "lost face" very much by letting the English ladies remain and sending the Americans down [...]."

que revolta, e muito, a impetuosa aventureira, impossibilitada de gozar a novidade do empório durante os três meses que aí planeava permanecer, sendo forçada a regressar, após três semanas, à 'pérola do Oriente', agora mais encantadora que nunca.

William C. Hunter descreve a azáfama chinesa em torno desta mesma visita feminina a Cantão, transcrevendo excertos de algumas cartas coevas (não identificadas) que dão conta do episódio:

April 8, 1830: Went in the morning to the 'Company' chapel with several Americans to hear the Ver. Mr. Vachell preach, and to see the 'foreign devil females', as the Chinamen call them. They were Mrs. Baynes, wife of the Chief of the Factory, Mrs. Robinson and Mrs. Fearon, but *she* is the beauty of the party! Mrs. B. was dressed in true London style, which, much admired by us, is considered 'frightful' by the Chinese. It is quite a strange thing to see foreign ladies in the 'Celestial Empire', an occurrence which had never taken place! After a few days they left, but not until the Mandarins threatened to stop all trade!"⁷⁷.

Estas palavras revelam a amplitude e importância do episódio histórico de que Harriet é também agente e demonstra a relação dos chineses para com o género feminino na cidade de Cantão, um ser duplamente diferente devido ao seu género e às assustadoras e exóticas roupas europeias.

Em Macau, os portugueses casam-se, inúmeras vezes, com mestiças vindas da Índia⁷⁸, como a própria jovem afirma: "[Mrs. Maiden [...] and two Miss Williams arrived from Calcutta] they are half-caste, and quite

⁷⁷ *The 'Fan Kwae'*, p. 120. Numa outra carta de 12 de Novembro, Hunter lê: "What will Canton turn into, and where will bachelors find rest? Nowhere! Mrs. And Miss Low and other Ladies are at this moment here! The second day after they arrived several old codgers were seen in immense coats, which had been stowed away in camphor trunks for tern or fifteen years, and with huge cravats on, and with what once were gloves, on their way to make visits." Em 22 de Novembro um outro americano descreve um passeio com as senhoras: "[...] some Chinamen passing began to cry out, 'Foreign devil women!' when instantly every door was opened and lanterns appeared. In less than tern minutes we were completely surrounded [...]. We were not at all molested; it was simply surprise and curiosity [...]" . Um jogo dialéctico de contornos exóticos ganha, então, forma nas ruas de Cantão, coincidindo esta mesma descrição com a informação adiantada por Harriet nas suas cartas.

⁷⁸ Veja-se o estudo de Almerindo Lessa, «A População de Macau: génese e evolução de uma sociedade mestiça», in *Revista de Cultura*, n. 20, 1994, pp. 97-126.

dark. I hear the young one is to be married to Mr. Mendez, whom we should call black; but he is a pure-blooded Portuguese, and, if ever so black, is considered above a half-caste." (*May 25 [1831], 96-97*). A mis-cigenação é uma realidade bem visível desde os primórdios da história da cidade, remetendo esta temática para a íntima relação existente entre género, poder e raça. Como afirma Donna J. Harraway, "gender is always a relationship, not a performed category of beings or a possession that one can have [...] differentiated by nation, generation, class, lineage, color, and much else. [...] Gender and race have never existed separately [...] To be unmanly is to be uncivil [...]. These metaphors have mattered enormously in the constitution of what may count as knowledge"⁷⁹. O poder, ou o acesso a ele, advém, em muito, da raça/etnia a que se pertence, bem como do género, e dentro destas mesmas categorias antropológicas, do estatuto social de que se usufrui, daí que Harriet inveje a liberdade que as mulheres casadas adquirem ao construírem o seu pequeno mundo de poder em redor do marido (133). Tanto para a mulher como para o homem, uma das opções económico-sociais seria o ingresso numa das ordens religiosas fortemente implantadas e respeitadas em Macau, sendo prova disso as procissões que a jovem testemunha na companhia do capelão inglês Vachell⁸⁰, bem como o impressionante ritual de despedida de uma freira clarissa na capela do convento de Santa Clara. A pouca solenidade que envolve esta última celebração desilude a autora que, do altar, observa, sem qualquer problema, toda a *mis-en-scène* que tem início com uma oração entoada em latim por um padre "(a wicked-looking creature)"⁸¹ que salpica a noviça com água-benta enquanto esta sobe, lentamente, as escadas do altar, para, logo de seguida, se refugiar no convento para sempre, deixando, para trás, a folia do mundo secular, como recorda a música da banda filarmónica. A multidão observa o final da cerimónia através das grades do convento, e Harriet lamenta que a sua curiosidade a tenha arrastado até tão terrível cena: "There was I in a crowd of these nasty people, black, white, and gray, and could not move

⁷⁹ *Feminism and Technoscience, 1997*, pp. 28 e 30 respectivamente.

⁸⁰ Durante anos, o Reverendo George Harvey Vachell envia, de Macau e Cantão para Inglaterra, centenas de espécies da flora do Sul da China.

⁸¹ HL, 98. Toda a atmosfera, bem como os religiosos são descritos de forma negativa. As freiras que agora a noviça abraça são "ugly old creatures [...] covered with their long black veils" (99), concorrendo a cor preta para adensar este mesmo campo semântico.

an inch. [...]" (*July 10 [1831]*, 98-99). A jovem macaense, após o pagamento de 1.500 dólares, e luxuosamente adornada com cetim e diamantes, renuncia à vida pública, sendo-lhe, então, cortado o cabelo, gesto este que simboliza o abandono das vaidades mundanas e o ingresso numa ordem espiritual superior a tudo o que fora rejeitado, o que, de acordo com a insinuação da autora, não seria difícil devido à fealdade da freira, e à conseqüente dificuldade em conseguir quem com esta casasse.

As diferentes práticas e cerimoniais religiosos, bem como as manifestações populares quer chinesas quer portuguesas impressionam a protestante americana, cuja visão do mundo e da condição humana se vai, progressivamente, alterando e enriquecendo.

4. A DIMENSÃO TRANSCULTURAL DO ENCLAVE

Para além das muitas leituras efectuadas pela autora, bem como das aulas de espanhol (57) e francês (88), a cidade goza de uma intensa vida cultural, uma vez que as suas diversas comunidades se encontram em eventos culturais, como a ópera, o teatro, e os bailes familiares onde danças como a "quadrille" (34) e a "galopade" (123) são do agrado dos mais jovens. Numa das festas, um dos *gentlemen* imita a personagem Paul Pry⁸², divertindo, e muito, Harriet, que vai referindo igualmente as diversas peças de teatro a que assiste⁸³, e cujos cenários são desenhados por George Chinnery, "a famous portrait painter"⁸⁴, que desempenha também o papel (feminino) de Mm Lucretia Mc Tab, na peça *The Poor Gentleman* (1801) de George Colman (1762-1836)⁸⁵, e agradando à au-

⁸² HL, *op. cit.*, 32. Personagem de uma canção dos anos vinte nos E. U. A., conhecida por ser muito curiosa e impertinente.

⁸³ De entre as muitas peças de teatro e óperas a que Harriet assiste, destacamos: «[...] several scenes from Shakespeare's "Merchant of Venice"», [...] a very good farce, called "Killing no Murder"» (35); uma farsa chamada "Bombastes Furioso" (44-45); «opera [...] Cinderella" very well performed in Spanish.» (146); «opera [...] called "The Father and Daughter"» (197); «opera [...] "The Italians in Algiers"» (203); "Il Barbiere de Seviglia" (206); e «Rossini opera of "Edouard and Christine"» (208).

⁸⁴ HL, *op. cit.*, November 23 [1829], 45. Para um estudo sobre a vida, obra e discípulos de George Chinnery em Macau vejam-se Manuel Teixeira, *George Chinnery no Bicentenário do seu nascimento*, 1974; AA VV, *George Chinnery (1774-1852): Macau uma viagem sentimental*, 1995.

⁸⁵ George Colman, *the younger*, dramaturgo e dono do "Little Theatre", em Haymarket, escreve as três famosas comédias em cinco actos: *The Poor Gentleman*, *The Hair at Law* (1797) e *John Bull* (1801). Na peça assistida por Harriet, Worthington, um velho e pobre tenente, recusa apoio económico, sendo a sua filha Emily protegida

diência devido ao ar ridículo, sendo acompanhado por *Mr. Alexander* no papel de *Miss Emily Worthington*. Uma sedutora personagem torna-se, então, uma figura desagradável que destroi toda a sensação de verosimi-lhança da representação, intensificando os seus elementos cómicos.

A jovem americana dirige-se várias vezes ao n.º 12 da Rua Inácio Baptista, o estúdio de George Chinnery — "that amusing man" —, para o ver pintar e praticar a sua arte enquanto conversam⁸⁶, sonhando esta posar para ele: "[...] I went to Chinnery the portrait painter's room yesterday. He had some fine likeness there. He is remarkably successful. How I wished that I had a little of the needful to put into the man's hand, that he might take my beautiful phiz, that I might transport it across the great waters into your own hands [...].! But there, what's the use of wishing?" (*December 8* [1829], 46). Em 2 de Abril (1830), a autora volta a desejar ter o génio do pintor inglês para registar, de forma eterna, uma das muitas paisagens macaenses que a deleita da sua janela na Tra-veza de S. João, por entre voos de incómodos mosquitos:

After dinner looked out of the window, and saw one of the Company's ships with the sun shining on her well-filled sails. How I wished for Mr. Chinnery's talent for painting, that I might sketch for you the beautiful scene before me, the large and handsome church, milk-white, with a splendid flight of stones and steps, and surrounded by trees and shrubbery⁸⁷. Just before the fort⁸⁸, stretch-

por Bramble, com quem acaba por casar. (Veja-se, Ian Ousby, *s.v.* «Colman, George, the younger», in *The Wordsworth Companion to Literature in English*, 1994, p. 193).

⁸⁶HL, 66: "29th [April 1830].- Went to Chinnery's this morning, and finished some very pretty sketches copied from his." Conhecemos também algumas opiniões (197) e alguns dos termos do idioleto do famoso pintor a partir de observações de Harriet como «The "pea-soup", as Chinnery calls the fog [...]" (*March 27* [1833], 189). Em 2 de Abril de 1833, a autora descreve Chinnery: "There is a good deal to be gathered from his conversation and some of his similes are most amusing. He has been a great observer of human nature, for which he has had every opportunity, his profession having brought him in contact with people of high and low degree. He has been in Calcutta [...] and has seen a great variety of characters [...] in that changing place. He has excellent sense, and plumes himself upon being, "though not handsome, excessively genteel"; [...] he is what I call fascinatingly ugly, [...] taking snuff, smoking and snorting [...]." (193).

⁸⁷Jardim de São Francisco ou dos Castelhanos, pois o convento foi fundado por frades espanhóis. (Cf. Manuel Teixeira, *Macau no Século XIX...*, p. 7: «Harriet ainda viu essa fortaleza, tal qual a descreveu o P. José Montanha, S. J. nos "Aparatos para a História de Macau" [...] "Dali (da Fortaleza da Guia) volta o muro para o sul em direitura ao convento de S. Francisco, a antes de chegar a ele tem hua porta que vahe

ing into the bay. Beyond this again, you can see the roads, and the little boats skimming over the surface. In the distance two islands of high ground can be discerned, and the beautiful ship heading toward her much desired home. A little farther in, is a little European boat flying along under full sail, and any quantity of Chinese boats are in sight. (62).

Harriet acaba por fazer através da escrita o que Chinnery — "a droll genius" (124) — faz com a pintura, evidenciando, inclusive, as diferentes perspectivas que se desvendam perante o seu olhar. Quer no estúdio deste e no teatro quer ainda nos jantares da EIC, a autora detém a sua atenção e amizade no pintor que descreve por diversas vezes: "[During an EIC's dinner] Old Chinnery, who is a monstrous epicure, wished to know if there would be a supper or what they would have to eat." (April 4 [1830], 62).

A 'Casa Garden'⁸⁹, actualmente sede da Fundação Oriente em Ma-cau, encontra-se, tal como quatro casas na Praia Grande, arrendada a ingleses, desde 1771⁹⁰, pelo que a autora tem oportunidade de a visitar juntamente com os adjacentes românticos e "selvagens" jardins e a Gru-ta do bardo renascentista:

[...] we were invited to Mrs. F.[earon]'s, to take tea and walk in the **garden**. It is the most romantic place, is very extensive, and abounds in serpentine walks. There is a beautiful view of the sea, and immense rocks and trees, and several temples in the garden. In another part there is a cave in the rocks where the celebrated Camoens wrote his "Lusiad." A bust of him stands in the cave. It is a wild and delightful spot. (Sunday October 18 [1829], 33-34, negrito nosso).

para o mar, a qual se fecha todas as noites. Está a Fortaleza de S. Francisco pegada ao convento, que te[m] hum pestigo na cerca dos Frades [...], e vindo correndo o pano do muro para a p.te da Cidade, a praya grande que acaba no principio da Povoação da Cid.e, aonde tem hua porta que se sahe para o rocio de S. Francisco [Campo]" [...] esta descrição quadra com a de Harriet, que viu a fortaleza *stretching into the bay*; Montanha diz o mesmo: "vindo correndo o pano do muro para a parte da cidade e praia grande"».

⁸⁸ Igreja e fortaleza de São Francisco situadas junto à praia, tendo a igreja e o convento sido demolidos trinta e quatro anos após Harriet os ter descrito.

⁸⁹ A propósito da Casa *Garden* vejam-se os estudos de Carla Alferes Pinto, «A Casa Garden na cidade do Nome de Deus de Macau», in *Oriente*, n. 1, 2001, pp. 18-22. Rogério Beltrão Coelho, *Casa Garden*, 1991, p. 25, afirma que em 1841, A. Field Officer, no livro *The Last Year in China*, chama ao edifício "Casa gardens".

⁹⁰ A mansão foi originalmente arrendada a William Fizhugh, da EIC.

Local a que a jovem regressa para tomar chá, em 12 de Novembro, descrevendo, de novo, a pujança natural do espaço selvagem: "[...] we had a beautiful walk in that paradise of a place. It is large, wild, and romantic. It is a work of art, it is true, but it resembles nature so perfectly that you would think it originally formed in this way. The rocks and trees are immense, and there are several banyantrees growing with their roots almost out of ground." (44).

Muitas outras vistas da cidade, bem como a toponímia local, se encontram registadas pela pena de Harriet, à semelhança do que Chinnery faz, na mesma altura, com os seus quadros:

[...] *Saturday, October 24* [1829] - On another hill near by stands what is called the Gear [Guia] signifying Beacon⁹¹. It is very high, and is a convent⁹², I believe. [...] the Franciscan church, and the green⁹³ where the ladies walk [...] little view of the sea, but a new house lately built intercepts our view very much⁹⁴. [...] In other direction we have a fine view of the harbor [...] hills with an ancient church and convent. It is really a delightful spot. I love it now, and if we remove [...] I shall regret it much." (36).

Esta mesma gravura multidimensional de Macau, dirigindo-se para diversas coordenadas geográficas, apresenta, de forma sucinta, os elementos que mais sobressaem na paisagem humanizada da cidade: fortalezas e igrejas, ambas construções de prestígio e marcas culturais e históricas de um passado glorioso. Quando da chegada à sua segunda casa, perto da Catedral, a autora descreve, de novo, a vista de que desfruta do seu lar: "The back of the house opens on to a large terrace, which gives us a fine view of the roads, and all the ships coming in and out, the hills all round, and the Praya"⁹⁵. ("From a letter", 60), bem como o *design* e a arquitectura interiores da mansão, onde não faltam a lareira, as "janelas

⁹¹ Fortaleza de S. Paulo, na Colina do Monte.

⁹² Convento de São Francisco, demolido em 1864 para dar lugar ao quartel com o mesmo nome.

⁹³ Jardim de São Francisco.

⁹⁴ Tendência esta que não parou em Macau, desde então, tendo-se intensificado nas últimas décadas.

⁹⁵ Durante um passeio no dia seguinte, Harriet deixa-se levar pela beleza da baía, animizando o movimento dos barcos que nela parecem voar: "A most perfect evening; the moon was shining as bright as day. This elegant bay stretched before us, with the little boats flying about it, — a most beautiful sight." (*April 2*, 61).

francesas", e os famosos armazéns, designadas de "godowns (store-rooms)"⁹⁶. Durante os rigorosos invernos, as casas tornam-se frias devido a uma variedade de factores enumerados: "great barns of room, great cracks under the doors, and floors that you can see through; the carpet does not seem to do much good. It is so rainy now that we cannot get a walk, and our limbs are almost stiff with the cold." (*December 26 [1832], 162*)⁹⁷.

Um dos exóticos *ex-libris* de Macau oitocentista é o famoso 'aviário' do negociante de ópio⁹⁸ inglês Thomas Beale, considerado, durante par-te do século XIX, o homem mais rico da cidade. O mercador vive numa antiga casa senhorial portuguesa, rodeada de jardins adornados por uma vasta colecção de plantas e aves raras que os seus agentes adquirem por toda a Ásia⁹⁹, fauna essa que a autora descreve minuciosamente à sua irmã, enquanto confessa a impossibilidade da linguagem/escrita para representar (*mimesis*) tamanha singularidade e maravilha:

⁹⁶ De acordo com Yule e Burnell, *Hobson-Jobson: The Anglo-Indian Dictionary*, 1996 [1886], pp. 381-82: "a warehouse for goods and stores; an outbuilding used for stores; a store-room. The word is in constant use in the Chinese ports as well as in India. [...] Bluteau gives the word as *palavra da India*, and explains it as a "logea quasi debaixo do chão". Já Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, vol. 1, 1982 [1919], p. 445, afirma: "**Gudão**. Armazém, adega. O termo é corrente em àsio-português, bem como em indo-inglês, *godown*. [...] Em Malaca os gudões eram subterrâneos, por motivo de perigo de incêndio [...]."

⁹⁷ Austin Coates, *Macau...*, na legenda da foto (n.º 10) de uma velha casa portuguesa típica de Macau, afirma que as mesmas eram "concebidas de modo a garantirem frescura no Verão, no Inverno eram verdadeiras câmaras frigoríficas." Numa carta dirigida a seus pais, Harriet confessa as saudades que o tempo primaveril lhe traz dos E. U. A., descrevendo alguns dos hábitos domésticos da estação em Macau, e os sons que a encantam desde a catedral: "There is something in the air this morning that so much reminds me of home and its associates [...]. The sun is now shining in all its splendour, the sky without a cloud and everything is bright and lively after a delightful rain. The sun warns us that it is approaching us nearer every day and we shall have soon begin to feel its influence a little more than is agreeable, but we cannot complain this year, for since last November we have had constant cool weather which has recruited the good people of Macao so much that we shall be able to bear the heat of the summer. We only had the drawing room carpet taken up yesterday. I have lots to attend to." (Harriet Low, «Macao, April 20th, 1832. To Mr. And Mrs. Seth Low in New York», in Elma Loines, *The China Trade*, p. 50).

⁹⁸ Prática à qual Harriet alude quando da sua visita a Lintin, onde observa barcos de contrabando (13-11-1830, 151).

⁹⁹ De entre os muitos autores que descrevem e/ou referem o mercador inglês, veja-se William C. Hunter, *Bits of Old China*, pp. 73-78; Austin Coates, *Macau...*, 1991, pp. 109-115.

October 26 [1829] — [...] We went to Mr. Beale's, where we were cordially received by the old gentleman, and entertained beyond measure. He has an aviary filled with a most choice collection of birds. The birds of paradise is by far the most beautiful. You cannot imagine plumage more perfect [...] you can barely judge of the beauty of this bird [...]. Another singular bird is called the dagger-breasted pigeon. I cannot describe to you the beauty of all these birds. They were too numerous. [...] we walked in the garden, which is literally filled with plants and trees of the rarest kinds, and has a pond filled with a great variety of gold-fishes. [...] we were joined by several friends, and went to the house and took tea made in the Chinese style. Each one's tea is put into a covered cup till sufficiently steeped, and is then drunk without milk or sugar. (36-37).

A 'cerimónia' do chá corola a visita a este monumento dedicado à diversidade e exotismo orientais, ficando implícito na última comparação por dissemelhança a forma como os americanos bebem chá: com (açúcar e) leite. Muita informação acerca das duas civilizações em contacto deverá, portanto, ser lida nas entrelinhas do tecido do texto elaborado por Harriet Low, uma vez que o viajante/turista compara, consciente e inconscientemente, o cá e o lá. Para além deste mercador inglês, também a Companhia das Índias Orientais inglesa recebe a comunidade americana, num sumptuoso e concorrido jantar de Natal, na *Casa Garden*, que, à partida, pouco motiva a autora:

Dec. 25, 1829. — This evening we are to dine with the Company at half-past six, where we shall be as stiff as stakes, and, I suppose, shall not enjoy ourselves at all. These dinners are amazing stiff, but I shall rig myself in a white satin under-dress [...] and a pink satin bodice to set neatly to my neat little form, and made by my own neat little hands. I shall then jump into my neat little chair, and proceed to the scene of action. I shall say all the neat little¹⁰⁰ things I can, and discuss the merits of the several dishes in my one way. [...] Everything on the table was splendid, — a whole

¹⁰⁰ Repare-se no recurso repetitivo aos adjectivos "neat" e "little" que concorrem para a auto-caracterização de Harriet, não sem uma certa ironia em torno do seu estatuto e papel social estereotipados pela comunidade masculina inglesa.

service of massive plate. There were about sixty at table. The dinner consisted of every delicacy, served in the most elegant style and with the greatest order. Everyone brings their own servant to wait upon them at table. When the first course is cleared away, these extra servants all fall back to the wall, and the regular servants carry out the dishes, handed to them by the butlers. [...] It would be impossible to describe the various dishes. [...] everything was as elegant as possible, and that there was everything that could be obtained that was nice and delicate. (46-48).

Quer a dimensão quer as hipérboles que apoiam esta mesma descrição concorrem para veicular a emoção, o entusiasmo e a maravilha que a autora sente perante tanto luxo e tanta diversidade de cores, acepipes e sabores¹⁰¹. O jantar formal que Harriet tanto temera acaba por ser uma agradável surpresa em que todos os participantes se comportam de forma natural. A cerimónia acaba à média luz, com a mesa coberta de pequenas luzes azuis, e um assustador jogo de sombras: "We were all to put our hands into these blue flames, and pull out the raisins beneath. This is called snap-dragon, and is a favorite Christmas amusement in England. I thought I was in the infernal regions, and I shall never forget the frightful visages of some of the gentleman as they held the plates up near their faces. The effect is astonishing." (Ibidem). Esta mesma prática é referida por William Shakespeare (1564-1616) em 2 Henry IV, II, iv (1600): "And drinks off candles' ends for flap-dragons"¹⁰².

Para além das muitas referências isoladas à comunidade chinesa por nós já referidas, a propósito de diversos temas, a autora descreve este povo chinês como "muito singular" (33), embora contacte, sobretudo, com as comunidades de língua inglesa em Macau, desconhecendo muita da vivência das populações chinesa e portuguesa:

¹⁰¹Em 5 de Abril (1830) repete-se mais um jantar na sede da EIC, durante o qual os jogos sociais são uma constante (62), e em 12 de Maio do mesmo ano, a autora refresca-se numa outra refeição com os movimentos da "luxurious punkah" (66). Por entre descrições e comentários, a jovem vai elaborando, indirecta e gradualmente, um retrato minucioso de objectos, luxos e práticas culturais de Macau.

¹⁰²Apud Ebenezer C am Brewer, *The Wordsworth Dictionary of Phrase and Fable*, 1994 [1970], p. 418, que descreve a tradição: "Flap-dragons [is] an old name for snap-dragon, i. e. raisins soaked in spirit, lighted and floating in a bowl of spirituous liquor. Gallants used to drink flap-dragons to the health of their mistresses, and would frequently have lighted candle ends floating in the liquor to heighten the effect."

They [Chinese] appear to me a most united one, and will do anything for their countrymen. [...] Our comprador is a very shrewd fellow, and speaks pretty good English. [...] "Oh," he said, "I can see: I can savy." (33)¹⁰³.

Por "pretty good English" entenda-se *Pidgin English*, língua de con-tacto¹⁰⁴ que surge em Cantão — Macau a partir das relações dos agentes da EIC com os mercadores e empregados chineses que interagem regular ou quotidianamente com a comunidade inglesa. De acordo com John Holm, o 'Chinese pidgin English' (CPE), desenvolve-se a partir do "pidginized Portuguese brought to the ports of China in the sixteenth century. [...] The Creole that arose among the Portuguese, oriental, and mixed population of Macao apparently came to be used in a pidginized form in the trade [...]. Although the Portuguese retained Macao, most of the rest of their Asian empire collapsed by the 1640's; it was during this period that the English began to trade with the Chinese. Regular trade began in the 1680's; after 1700 it was confined chiefly to Canton"¹⁰⁵.

Em relação ao cantonês falado pelos criados no piso térreo, Harriet afirma, de forma algo caricatural: «*November 2 [1928]* — [...] their jargon [...]. There are no words to be made out of it to my ears. It seems to consist of low, guttural sounds [...].» (38-39) [...] The coolies are "sleeping audibly" enough under my room. I never knew people snore so loud as they do. Aunt L. has frequently sent down of an evening to have them turned over.» (*April 2, [1930]* 62). Relativamente às superstições do

¹⁰³ O verbo "savy" (em *Chinese Pidgin English*) deriva do português "saber", sig-nificando "I can savy" "Eu sei". Veja-se A. A. Hayes Jr, «Pidgin English», in *Scribner's Monthly: An Illustrated Magazine for the People*, vol. XV, 1877-78, p. 374.

¹⁰⁴ Cf. Dingxu Shi, «Chinese Pidgin English: Its Origin and Linguistic Features», *m Journal of Chinese Linguistics*, 1991, p. 1: "Chinese Pidgin English is a contact language widely used along the coast of China in the 18th and 19th century. It was formed in a very restricted contact situation to fulfill limited communication need between English-speaking traders and their Cantonese-speaking servants." Tal como M. M. Bakhtin, «Discourse in the Novel», 2000, pp. 358-59: "[...] hybridization is one of the most important modes in the historical life and evolution of all languages [... which] change historically primarily by means of hybridization, by means of mixing of various "languages" co-existing [...]". Daí também o facto de a língua inglesa con-ter expressões-empréstimos do *Chinese Pigin English*, como "chin-chin", "long time no see", e, como podemos verificar, a autora utiliza vários destes termos ao longo do diário.

¹⁰⁵ *Pidgins and Creoles*, vol. II, 1989, pp. 512-14.

povo chinês, a autora refere, quando de um fogo em Cantão: "The Chinese will not put out a fire. They say it is "Joss pigeon"¹⁰⁶ (God's business), and no can." They are a most remarkable people!" (*December 2* [1829], 46); adiantando, durante uma seca prolongada no Sul da China: "The Chinese have fasted and prayed for rain, and have hired the Portuguese to pray for them." (*Sunday, April 11* [1830], 64)¹⁰⁷.

O ano novo lunar é também festejado pelos chineses, que exigem relativa conformidade com as suas crenças e hábitos:

January 24. [1830] - The comprador (butler) chin-chin'd us not to ring the bell to-morrow, being their New Year's day. The Chinese have an idea it will call up Fanqui, or the devil. They fire crackers all day for the purpose of keeping off the evil spirit for the coming year. *January 25.-* A great day with the Chinese. They all have a new suit of clothes, and keep a sort of holiday, going home to their families, to chin-chin Joss, etc. They are all obliged to pay their debts at this time. Most of the servants got a little too much luncheon this morning. (50).

A festa da Primavera, sendo a festividade chinesa por excelência, assinala o início da estação, a vida depois do Inverno, recaindo a sua data num período variável entre 15 de Janeiro e 15 de Fevereiro (primeira Lua nova após o solistício de Inverno), e de acordo com a autora, o comprador da família faz questão em acompanhar o espírito renovador da época, deixando a sua vida em ordem através do pagamento de dívidas referido no excerto acima transcrito. O facto de os criados dos Low lhes pedirem que não toquem os sininhos que os chamam para trabalhar no dia de ano novo deve-se ao facto de acreditarem que qualquer acto relacionado com a limpeza dá azar, ou seja, chama o diabo, como afirma a

⁴⁰⁶ Mais um vocábulo de origem portuguesa usado no *Pidgin English*. *Joss*, de acordo com Yule e Burnell, *op. cit.*, pp. 463-64, "[...] is a corruption of the Portuguese *Deos* [sic.], 'God', first taken up in the 'Pidgin' language of the Chinese ports from the Portuguese, and then adopted from that jargon by Europeans as if they had got hold of a Chinese word."

¹⁰⁷ Ana Maria Amaro, «A Procissão do Senhor...», pp. 3-4, refere práticas semelhantes desde cedo: "Sendo vulgares entre os chineses luzidas procissões budistas com a finalidade de pedir benesses ou afastar grandes males, estes atribuíram a crise registada no território à ira Divina, por se não ter feito durante muito tempo a procissão anual do Sr. dos Passos. Por isso pediram ao Procurador do Senado que esta procissão se realizasse oferecendo-se para cobrirem os gastos necessários [...]".

autora. Os primeiros dias, como também o diário refere, são preenchidos por rituais religiosos em casa e nos templos, por visitas de cumprimento e pela folia, a queimar panchões, fogo de artifício e a jogar.

Em Macau, os mercadores chineses mais poderosos frequentam as casas dos americanos, como acontece com Sir Anders Ljungstedt [*Sir Andrew L.*]¹⁰⁸ e Mow-qua, um dos mercadores Hong, que visitam a família Low em 1 de Novembro de 1829: "Mouqua is a great character. He had on his winter dress, which is rather singular." (38)¹⁰⁹. O termo 'singular' é mais uma vez utilizado, sendo, tal como "romantic", um dos adjectivos recorrentes no texto, revelando o espanto da autora perante o contacto com uma civilização milenar e exótica aos olhos de qualquer ocidental. Em 3 de Fevereiro de 1830, Harriet participa num divertido jantar com os "security merchants" chineses:

¹⁰⁸ De origem sueca, Ljungstedt (1759-1835), em 1797, é nomeado comissário da Companhia Sueca da Índia Oriental em Cantão, permanecendo, posteriormente na China a trabalhar quer na sua firma quer como Cônsul sueco, encontrando-se sepulta-do no cemitério protestante de Macau. Após vários artigos sobre a história de Macau em *The Canton Miscellany*, o autor publica, em 1832, nessa mesma cidade, *Contribution to an Historical Sketch of the Portuguese Settlements in China Principally of Macao, of the Portuguese Envoys & Ambassadors to China, of the Roman Catholic Mission in China and of the Papal Legates to China*, reeditada em Boston (1836), com o título abreviado: *An Historical Sketch of the Portuguese Settlements in China*.

¹⁰⁹ Mow-qua II. Elma Loines, «Houqua, sometime chief of the co-Hong at Canton (1769-1843)», in *The Essex Institute Historical Collections*, vol. LXXXIX, Abril, 1953: no. 2, pp. 99-108, traça a história de outro comerciante Hong, How-qua, bem como da amizade da sua família com os Low em Cantão e Macau, desagradando esta intimidade sino-americana aos negociantes ingleses, que já em 1827 se haviam insurgido contra a competição americana que afectava os negócios da E I C. Houqua (1769-1843), de seu nome chinês Wu Ping-ch'ien, tem 60 anos de idade quando em 1829, William Low chega ao Sul da China, estendendo-se a relação de ambas as famílias durante muitos anos, pois quando, em 1869, o irmão de Harriet, Abiel Abbot Low (1811-1839), chamado A. A. Low pela família e amigos de negócios, regressa à Chi-na, um dos filhos de Houqua recebe o visitante americano de forma sumptuosa. Na página 105 do seu artigo, Elma Loines transcreve um excerto de uma carta de Abbot — que chega a Macau em 1833 — para Harriet, em Julho de 1849, quando esta última já se encontra, casada, em Londres, afirmando: "I saw old Houqua — so long and so good a friend of our house [...]". Na nota 11 desse mesmo artigo, a autora refere que, em 1844, Abiel Abbot Low baptiza o seu primeiro barco *The Houqua*. Para uma antologia da correspondência trocada entre os irmãos Low, inclusive Harriet já a morar em Inglaterra, veja-se Abiel Abbot Low *et alii*, «More Canton Letters of Abiel Abbot Low, William Henry Low, and Edward Allen Low (1837-1844)», introdução e notas de Elma Loines, *The Essex Institute Historical Collections*, vol. LXXXV, July 1949, n. 3, pp. 215-244. Em *The China Trade*, pp. 58-60, a autora apresenta uma biografia de Abbot, tal como dos restantes membros da família, acompanhada das respectivas fotos e retratos.

They gave us a full account of their customs. Old Tinquá had the audacity to ask me how old I was. He says he has five wives. No. I his father and mother chose for him. "He no like No I. To muchy ugly." N^o. 2 "he likey. He choose her." He is sixty-two, but you would never think him more than thirty-five. I thought I was paying him a great compliment when I told him so; but I hear that I could have said nothing more displeasing, as they like to be con-sidered old. (51).

Para uma ocidental, o registo linguístico dos chineses ao falar inglês, bem como o tema da conversa poder-se-ão tornar 'exóticos', devido à diferença civilizacional que os separa, e ao choque cultural que origina situações melindrosas que a jovem vive ao desconhecer que para os chineses a idade avançada é sinónimo de sabedoria e estatuto no seio da respectiva comunidade. Quanto ao sistema de concubinação na China, citamos, de novo, o estudo de Lloyd E. Eastman que permitirá uma mais fácil interpretação das palavras de Tinquá, e, que, inclusive, parece para-frasear:

Another possible solution for a barren marriage was for the husband to take a concubine. Indeed, the man who took a concubine, whether to gain male heirs or for his own pleasure, acquired an added increment of prestige, because concubines were luxury items usually affordable by only the upper class. [...] the concubine was legally and socially much inferior to the master's first wife [n.º I]. [...] Because the master himself customarily selected the concubine — whereas his wife had been chosen for him by his parents with-out regard for his own feelings, or preferences-true romantic love sometimes blossomed between concubine and master. (31-32) [...] the family was imbued with a sacred character, and the values of familism-filial piety, respect for the aged, and the paramount importance of the family as an institution over the will and desires of individual family members [...] ¹¹⁰.

Quando da mudança para a sua nova casa, em 30 de Março de 1830, Harriet descreve a forma como os chineses carregam pesos enormes aos ombros, suportados por varas (59): "You never see a Chinamen carry

¹¹⁰ Lloyd Eastman, *Family, Fields...*, p. 57, negrito nosso.

anything in his hands, but always in baskets, jars, etc." (60)", imagens estas que Chinnery regista nas suas gravuras em movimento. Durante outros passeios, a autora observa:

[...] three Parsees, or fire-worshippers [...] dressed in white robes with a sort of red turban upon their heads. At one of the Chinese graves there were four men and children chin-chining. Every year they visit the graves of their fathers and grandfathers, and return them, building a fire on the graves, in which they burn Joss paper. They would bow, clasping their hands upon their breasts, then kneel and touch the grave with their faces. (*April 1 [1830]*, 60-61). [...] They had an immense quantity of gilded papers, which they were about to burn, and I counted fifteen different messes of "chow-chow" (food), which they place on the graves with the idea, I believe, that their ancestors or their spirits come forth and eat it, and find they are still remembered. At this season all the graves have pieces of red and white paper put upon the top of the mound, with two pieces of fresh turf on them to keep them down. There is something written upon these papers [...]. (*April 28 [1833]*, 198-99). [...] They are very superstitious about the place in which they bury their dead. Amwa, a merchant of Canton, whose mother died two years ago, has just found a satisfactory place to bury her in, having kept her above ground all that time [...]. (221).

Tal como durante o *Chin Ming* (Suprema Claridade), festividade equivalente ao dia de Finados dos cristãos, os filhos do sexo masculino deslocam-se às sepulturas onde descansam os espíritos dos seus antepassados, para lhes prestarem culto e homenagem, prática esta que materializa o conceito chinês de continuidade para além da morte. Conforme o texto descreve, as campas são limpas (*Qinming*)¹¹¹, enquanto os filhos batem a cabeça e oferecem incenso e comida aos pais e avós, seguindo-se um piquenique, a queima de panchões e a colocação de um papel vermelho na pedra do túmulo, marcando a homenagem já realizada que os familiares não abandonam o antepassado.

¹¹¹ Idem, *ibidem*, p. 50. Na página 57, o autor afirma: "The popular religion served, for instance, as a major support of familism. As a result of the cult of ancestor worship, the Chinese family was not merely a social and economic unit, but also a religious institution."

Em relação aos chineses de Cantão, Mrs. Fearon — de regresso do empório proibido ao sexo feminino europeu — afirma que ansiara pelo melhor clima de Macau, enaltecendo a atitude dos chineses como civili-zada, embora o exotismo das damas estrangeiras atraísse multidões si-lenciosas para as observar de forma ordeira, alugando estes primeiros barcos para admirar as "Fanqui women" (64). Este comportamento dá lugar a um elogio civilizacional por parte de Harriet, talvez repetindo as palavras de alguma das europeias recém-chegadas de Cantão, dado o pouco contacto que a autora tem com os chineses¹¹²: "I think the Chinese are much more civil than either American or English people would have been if a Chinawoman with little feet had appeared in our streets, dressed in the costume of her country" (*April 17 [1830]*, 64), registo próximo de um outro quando teme um grupo de chineses que dela se aproximam: "However, a Chinamen is a great deal more civil than I fear the same class of my own countrymen would be." (*June 23 [1833]*, 209). Anotações que demonstram, mais uma vez, que a vivência social do género é culturalmente relativa e determinada.

Os apontamentos etnográficos, ou melhor, os quadros culturais da comunidade chinesa, como, por exemplo, a construção de papagaios que divertem as crianças da cidade, são recorrentes na obra, especialmente durante os passeios após os quais a autora elabora pitorescas imagens, nas quais 'pinta' a forma de estar dos nativos nas ruas do enclave:

You would be amused to walk with us and see the Chinamen. [...] there were eight or tern of them sitting about, some with one knee over another, some in Turkish style, some smoking their pipes, and all with fans in their hands. [...] you scarcely ever see a China-man or woman without a fan. Even the chair-bearers fan them-selves as they carry their burden. [...] We see them after dark lying about in every direction, they [...] make a rock their pillow [...] they never use anything softer than a bamboo one. (*Aug. 31 [1930]*, 73).

Descrição que leva Harriet a concluir, por comparação com a vida faustosa das comunidades estrangeiras da cidade: "give a Chinaman plenty

¹¹² "Other than the merchants with whom they dealt and a few lower officials, especially linguists, American residents had few Chinese acquaintances other than coolies, houseboys, cooks, and other servants." (Jacques M. Downs, *op. tit.*, p. 96).

of rice and fish, a bamboo mat, and a small piece of cloth for his waist, and he can live; that is, in the summer. In the winter they suffer much from the cold [...]." (*Aug. 31* [1930], 73). Em relação ao conservadorismo social na China, esta nação mantém inalterado o "old custom" (84), aliás expressão que os chineses repetem vezes sem conta aos estrangeiros para referir o respeito pela tradição.

Durante os passeios diários, Harriet confessa-se impressionada ao observar a multiplicidade de hábitos e crenças religiosas chinesas exis-tentes:

What makes me think that some of them believe in transmi-gration was reading some letters to College, in which they said that, although they could not pay him for his services in this world, yet they would serve him as a horse in another [...]." (*August 7* [1833], 221).

Os sons que invadem a casa dos Low funcionam também como metáforas sonoras da fusão de gentes, sabores e saberes na cidade, ouvin-do-se, em 2 de Novembro (1829), simultaneamente: "bells [...] ringing" e "chinamen [...] jabbering below". Tal como o som, também o espaço se torna simbólico, uma vez que as casas de Macau se encontram dividi-das em dois pisos, o sobradado onde vive a família, e o térreo, onde os criados se movimentam e (con)vivem¹¹³.

Os Portugueses, nos rigorosos invernos do Sul da China, e de acor-do com a autora, limitam-se a ir para a cama e aí passar o tempo, en-quanto os chineses parecem ter uma maior estatura com tanta roupa que vestem (162). Os hábitos lusitanos acabam por influenciar também as comunidades estrangeiras, daí que a jovem refira que Dr. College veio a sua casa "*bebe cha, as the Portuguese say*" (*February 12* [1833], 175, negrito nosso).

¹¹³ Gaston Bachelard, *La poétique de l' espace*, 1978, ao analisar a simbologia e a "significação poética" (12) das imagens/representações do espaço na literatura, aborda a casa como "un véritable principe d' integration psychologique [...] l' image de la maison devienne la topographie de notre être intime [...] (18) dans un «coin du mon-de» [...] un cosmos [...]" (24), teoria esta que vai de encontro à vivência humana de Macau, materializada quer nos espaços da cidade nos quais a autora se move quer no microcosmos do seu lar, onde sons e funções distribuem humana e simbolicamente esse espaço, ou seja, "la maison est un corps d' images qui donnent à l' homme des raisons ou des illusions de stabilité [...] il faut aussi donner un destin de **dehors** à l' être du **dedans** [...]. L' espace appelle l' action." (Idem, *ibidem*, pp. 34 e 29-30, res-pectivamente. Negrito nosso).

O facto de a comunidade americana privar maioritariamente com ingleses, explica o facto de não existirem, no diário, descrições tão elaboradas da 'vida' chinesa e portuguesa da cidade, bem como o maior número de personalidades estrangeiras presentes na obra, também retratadas por Chinnery¹¹⁴. Aliás, o único apelido português que aparece é Pereira (P.), quer no jantar que esta família oferece a alguns estrangeiros, em 1 de Maio (1832) quer em 18 de Março de 1833 ("Miss Pereira", 186), durante o casamento de Collee. Esta família portuguesa¹¹⁵, dona da Casa *Garden*, é, portanto, a única a confraternizar regularmente com a comunidade americana de Macau, tal como o Governador, este por razões de protocolo.

5. «THE TRADE OF AN EMPIRE»

The Americans first made direct entry into China trade in 1784, under the protection of the British and joined in the "factory" life. Suspension of trade occurred in 1814, when several American ships were captured in and near Chinese waters, and in 1821, when an American sailor, who had accidentally killed a chinaman, was given up to the authorities and strangled. By this latter time the Americans attained position in the trade of Canton second only to the British.

James Orange, *The Charter Collection: Pictures Relating to China, HongKong and Macao, 1655-1860, with Historical and Descriptive Letterpress*, 1924, p. 38.

Desde 1757 que haviam sido levantadas as restrições aos estrangeiros em Macau, e na década de vinte do século seguinte, os comerciantes americanos, suplantados na China apenas pela EIC, discutem amiúde a sua impressão da comunidade inglesa com quem têm alguns conflitos

¹¹⁴ Para além da família Low e Dr. Collee, podemos ainda referir Elizabeth Noad Fearson, entre muitos outros americanos, ingleses, chineses, e portugueses, como é o caso de "Madame Piera" [Pereira] e os seus filhos (c. 1835). Veja-se Patrick Conner, «George Chinnery and his Contemporaries on the China Coast», in *Arts of Asia*, May-June 1993, pp. 70ss.

¹¹⁵ De acordo com Manuel Teixeira, *Macau no século XIX*, pp. 20-21, esta seria a família do filho do conselheiro Manuel Pereira, proprietário da Gruta de Camões, sendo, talvez, o casal Manuel Félix Pereira e Bárbara Luís o que priva com Harriet, proximidade facilitada pelo facto de a Casa *Garden* pertencer a estes portugueses. Austin Coates, *Macau...*, p. 125, descreve o local: "O local, que confinava com a muralha da cidade, fazia parte dos vastos jardins que rodeavam a mansão do presidente do selecto Comité da Companhia das índias orientais, que era conhecida no seu conjunto por Casa Garden. A propriedade pertencia a Manuel Pereira [...]."

(83-84), e que a jovem descreve à irmã em forma de empolgante segredo e 'coscuvilhice': «We [...] had a long discussion upon the merits of the English. We concluded that they had been extremely polite to us, but that it is necessary to treat them with some reserve, and that the men are a good-for-nothing set of rascals. Do not tell anybody, but all they care about is eating, drinking, and frolicking.[Marginal note by the journalist: "Quite a modest conclusion."].» (40). Ou seja, os ingleses não são 'boa rês' mas são cordiais, acabando os seus inúmeros conflitos com os chine-ses por afectar também a comunidade americana, igualmente 'estrangei-ra' em Macau¹¹⁶; daí que o texto refira, diversas vezes, as imposições chinesas aos ingleses e o levantar do embargo aos barcos da EIC em Fevereiro de 1830, confrontos estes que adquirem uma leitura diferente vis-tos à distância temporal, após as Guerras do Ópio¹¹⁷.

A autora, já habituada ao horário nocturno da vida macaense, critica o facto de os ingleses transporem para a China o ritmo de vida de Inglaterra, incluindo os horários sociais. Sendo solteira, será natural que Harriet se detenha igualmente no luxuoso estilo de vida dos celibatários ingleses quer no território quer em Cantão (82)¹¹⁸, e, por arraste, no das jovens anfitriãs em Macau, livres de encargos domésticos:

The bachelors, you know, all keep house here, have everything in style, and plenty of servants, and it is but right that they should do something to amuse the ladies. [...] delightful parties [...] how pleasant they are. The tea parties at home are so much trouble that you cannot enjoy them, but here everything is easy. (*April 5 [1830]*, 62-63).

O médico e oftalmologista da EIC, Dr. [Thomas R.] College¹¹⁹, solteiro tal como a autora, desperta, desde cedo, a atenção desta última:

¹¹⁶Veja-se a citação que serve de epígrafe a este capítulo, e que informa da estreita ligação e simbiose comercial entre as duas comunidades.

¹¹⁷Entre outros estudos vejam-se Alfredo Gomes Dias, *Macau e a l Guerra do Ópio*, 1993; idem, *Sob o Signo da Transição: Macau no Século XIX*, 1998.

¹¹⁸Jacques M. Downs, *op. cit.*, p. 27, descreve o luxo das feitorias de Cantão no século XIX: "While he was in Canton, a foreigner's factory was his home, place of business, recreation, storage, and even church. The lower floor of a factory contained the kitchen, the treasury, the servant's quarters, and the godowns [...]. Across the face of a hong's upper stories often stretched a veranda, sometimes paved with marble and usually enclosed with Venetian blinds [...]."

¹¹⁹Com o apoio da comunidade estrangeira de Macau, College abre um dispensário no ano de 1827, que encerra cinco anos mais tarde, assistindo mais de

"He is the best man I have seen yet. Everybody loves him and speaks well of him. [...] It is a shame that he is a bachelor! (34) [...] the best Englishman I ever saw. He is truly good at heart" (115), vindo este, posteriormente, a comprometer-se com Caroline Shillaber, oriunda de South Danvers, e amiga de infância/escola de Harriet, originando, mais uma vez, uma crise 'depressiva' na jovem, que desabafa: "Oh, dear, what animals men are! They are certainly incomprehensible." (06-01-1833, 120)¹²⁰. Em Janeiro de 1833, no estúdio de Chinnery¹²¹, Harriet observa o famoso retrato de Dr. College, apeteendo-lhe, inclusive, roubá-lo: "There is a great attraction there now, a picture of my friend, which I was strongly tempted to pocket. It is a perfect likeness. I shall probably never see it again, as it is going to America. Well, I do not know why I should wish to, he is nothing to me." (166). Este mesmo quadro da autoria de Chinnery (1833-35), encontra-se, actualmente, no Peabody Essex Museum, na cidade natal da autora, que o descreve à sua irmã:

[...] a group of five figures, but first for the likeness, which, I am sorry to say, is not so striking as in many of Chinnery's pictures, the face is in profile, which is, perhaps, the reason. The figure, a full length, is perfect. One hand is resting on the forehead of a China-woman whom he has restored to sight from total blindness. He has lifted her spectacles and is turning to Afun, his Chinese servant, and telling him to explain to the woman how she is to proceed in future. Afun's likeness is excellent. The son of the woman is on his knees before College, presenting a chop (or letter of thanks, always written in red paper) for his kindness. The fifth figure is a

4000 pessoas. (Cf. Elma Loines, «Houqua, sometime chief of the co-Hong at Canton (1769-1843)», p. 104). J. A. Kollard [J. M. Braga], *Early Medical Practice in Macao*, 1935, p. 19, afirma que no hospital oftálmico são tratados mais de 6000 casos.

¹²⁰ A respeito deste comentário e dos inúmeros momentos de solidão e até deses-pero de Harriet, citamos o escritor Samuel Richardson em relação à redacção de cartas: "Much more lively and affecting ... must be the style of those who write in the height of a present distress, the mind tortured by the pangs of uncertainty [...] than the dry, narrative unanimated style of a person relating difficulties and danger surmounted can be [...]". (*Apud* David Lodge, «The Epistolary Novel», in *The Art of Fiction*, 1992, p. 23).

¹²¹ De acordo com Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, 2.º vol., p. 411, Chinnery, ao chegar a Macau, viveu alguns meses na Rua dos Hospital, numa casa de Christopher Fearon, mudando-se para o prédio n. 8 da Rua de Inácio Baptista, onde vive até à sua morte (30-5-1852).

poor old man sitting on the floor in a corner, with his eyes band-aged, waiting for attention. It is a most interesting and touching picture." (31st [March 1833], 192).

O retrato acaba por funcionar como uma *ekphrasis* do bem que College pratica entre a comunidade chinesa. Em relação aos quadros 'macaenses' de Chinnery, e, nomeadamente, aos elementos exóticos pre-sentes no retrato de Dr. College descritos por Harriet, poderemos inter-pretar essas mesmas representações pictóricas não apenas como reflexos-documentários passivos de uma realidade estética, mas também como leituras individuais de valores culturais articulados pelo olhar-agente e filtro¹²² de quem os observa e interpreta¹²³ como é o caso da descrição por parte da autora em que o 'retrato' exótico se funde com os sentimentos que esta nutre pelo médico inglês.

No seu último ano em Macau, Harriet contrasta a atitude dos ame-ricanos recém-chegados ao enclave com a dos residentes veteranos, gru-po no qual já se inclui, apresentando o ponto de vista dos novos residen-tes, sobretudo do sexo feminino:

[...] how different people who come from the **civilized world** are, to residents here. They talk so much that it quite fatigues us old residents, for here we get in the habit of saying only what is necessary. It is quite dreadful, the stupid, lazy habits we acquire. (*January 8 [1833]*, 166-67, negrito nosso).

A partir do início de 1833, a jovem americana recorre a uma estra-tégia que talvez lhe possibilite o regresso a casa mais rapidamente, quei-xando-se, cada vez mais, do tédio e da infelicidade que a estada em Ma-cau lhe traz, atitude esta que talvez possamos entender melhor à luz de um comentário em torno de "espaços expressivos" de Eugene Victor

¹²² Teoria abordada recentemente por Anna Grimshaw, *passim The Ethnographer's Eye: Ways of Seeing in Modern Anthropology*, 2001, através do conceito "ocularcentrism: [...the] relationship between vision and knowledge in Western discourse [...]" (p. ix).

¹²³ Cf. P. Simons, «Portraiture, Portrayal, and Idealization: Ambiguous Individualism in Representations of Renaissance Women», in A. Brown (ed.), *Language and Images of Renaissance Italy*, 1995, pp. 264-65: "Portraits can be enunciations of cultural display rather than of private subjectivities; they can be readable as ideological apparatuses rather than as aesthetic units reporting referential truth; as a medium of exchange between art and society, object and viewer, sitter and artist, [...] in a rich conversation of overlaid, even competing and conflicting voices, rather than as singular objects with one universalized and static, authoritative interpreter."

Walter: "A place is dead if the physique does not support the work of imagination, if the mind cannot engage with the experience located there, or if the local energy fails to evoke ideas, images, or feelings [...a city is] a container of presences that include ancient images and memories. These presences enter the feelings that make a town, and they help to settle a place"¹²⁴.

Como que num processo de renovação, novos membros da família Low viajam até ao Sul da China com o intuito de fazer fortuna, e em Julho do seu último ano no enclave, a autora toma conhecimento de que o seu irmão, Abbot, chegará em breve para continuar a nepótica ligação da família com a companhia Russell & Co., o que acontece em 11 de Setembro¹²⁵, altura em que William Low contrai tuberculose¹²⁶ e a família decide deixar Macau, vindo tal a observar-se em 19 de Novembro de 1833, quatro anos depois do início do diário, que continua ao longo de mais cem páginas até ao destino final da autora, Concord Street, em Brooklyn, para onde a sua família se havia mudado em 1822. Na hora de despedir-se da irmã, a jovem redige uma nota positiva em relação à sua estada no enclave que perde de vista a partir da lancha que a transporta para o *Waterloo*:

Saying adieu in this place is not like saying it in most others; it is true that people do not care much about each other, and do not pretend to, and in saying good-bye there is more envy than any-

¹²⁴ *Placeways: A Theory of the Human Environment*, 1988, pp. 204 e 111, respectivamente

¹²⁵ Abbot não se demora em Macau, partindo para Cantão onde encontra um outro seu tio, James Low. Quatro anos mais tarde, o jovem é já sócio da Russell & Co. (Cf. Elma Loines, «Francis Low, a Salem youth dies on board ship in the China sea», p. 267).

¹²⁶ William Henry Low vem a falecer durante a viagem de regresso, em 1833, na Cidade do Cabo. Francis Low, um dos irmãos de Harriet, é, em 1835, enviado numa viagem à China para se curar também de tuberculose, morrendo no mar, em 5 de Maio de 1836. (Cf. Idem, *ibidem*, pp. 261-266). Entre 1830-41, portanto, durante o período das Guerras do Ópio, um outro irmão de Harriet, e homónimo do seu tio, William Henry Low (1816-1846) viaja, várias vezes, para o Sul da China para se iniciar no comércio, e chega a Macau em Setembro, escrevendo, tal como Abbot, várias cartas à irmã, agora já Mrs. Hillard, em Londres. Como podemos observar através do enorme espólio de missivas escrito pelos Low desde 1829, a história da família encontra-se intimamente relacionada com a China, quer pela positiva quer pela negativa. Para uma biografia de W. H. Low veja-se Elma Loines, *The China Trade*, pp. 72-73, tal como para um capítulo intitulado «Why the Lows gave up the China trade», pp. 287-291.

thing else in the feelings of those who stay [...] I am tired of living among strangers. [...] Thus finishes my life in China [...] it has been like everything else, variable. [...] Clouds will rise wherever we are, and the sun will shine, and I can say has very often shone upon me in China. (12th [November, 1833], 233-35). We made sail, and left Macao forever. Four year's residence there cools one's love of it [...]. I shall often think of it, and with much pleasure; time, like the grave, will bury many of the thousand annoyances I had there, and I trust it was not all time spent in vain. (Nov. 19, 1833., 236)¹²⁷.

Harriet casa, em Novembro de 1836, com John Hillard¹²⁸, irmão mais novo de George S. Hillard de Boston, indo viver para Inglaterra, onde nascem os seus oito filhos, de entre os quais Katherine Hillard¹²⁹ que, em 1900, publica este mesmo (resumo do) diário, cuja autora vem a falecer em Brooklyn, no ano de 1868.

Macau e a sua romântica singularidade proporcionam à jovem (sol-teira) americana um período de aprendizagem e socialização deveras pe-dagógico, pelo que, durante a sua estada no Sul da China, as más dispo-sições e opinião vão-se alterando à medida que o tempo passa. Enquanto de início, em pleno processo de adaptação, afirma: "I cannot conceive of people calling this a dull place." (33), com o passar do tempo e devido à

¹²⁷ As más recordações de Macau cedo se desvanecem, uma vez que Harriet estranha o ambiente que encontra em casa, pois a sua amiga Amanda Malvina FitzAllan, em 15 de Setembro de 1835, tenta consolar a autora, numa carta: "If after bright years of youth passed in the hot-bed of adulation, after living [in Macao] almost exclusively in the softened and tender atmosphere of flattery, admiration, and affluence, where so many studied your happiness, and so many sought but to share it and be blest, could you return to the still, monotonous course of duty which you now pursue, with only the quiet though inestimable domestic affections living in your bosom, without experiencing moments like those you have so touchingly described, of sickening, heartless, uncheered existence?" (*Apud* Katherine Hillard, «Postscript», 1900, p. 319).

¹²⁸ De acordo com Elma Loins, *The China Trade*, p. 18, os pais de John Hillard, nascido em Richmond, Virginia, são ingleses, tendo a família, após o casamento, viajado para Inglaterra, onde permanecem doze anos, até à falência do banco de Hillard, Coates & Co., em 1848, quando Harriet regressa aos E. U. A., vindo o seu marido a falecer em 1853. Em 1848, William Henry Low, «The Canton Letters of William Henry Low, 1839-1841», in *The Essex Institute Historical Collection*, Vol. LXXXIV, October 1948, p. 319, escreve uma carta para o casal Hillard, agora em Londres.

¹²⁹ Por volta de 1840, Harriet e Katherine Hillard visitam, em Edimburgo, o casal Dr. College e Caroline Shillaber, casados em Macau. (Cf. Manuel Teixeira, *Macau no século XIX*, pp. 20 e 42).

rotina que se apodera da cidade com as cíclicas estações comerciais, a autora desabafará os seus momentos de tristeza, solidão e fadiga:

After dinner went in my chair to the Peña¹³⁰, where I had an hour and a half of delightful meditation. The scene all round was fitted to inspire calm and tranquil thought. I hope I am not to pass many more years in this uninteresting place, not but that there is more tranquility here than, perhaps, I shall find anywhere else; but it is a sort of quiet that does not suit my mind or disposition. I am restless." (*June 17 [1832]*, 131).

As descrições que povoam o texto podem perfeitamente servir de suporte e/ou guia escrito para uma incursão a algumas das gravuras do enclave que George Chinnery nos legou, entre 1825 e 1852, uma vez que ambos os estrangeiros convivem na cidade durante alguns anos, apre-ciando paisagens e tipos sociais que o inglês regista com o 'pincel' e a jovem americana com a sua 'pena'.

As entradas do diário e as cartas, através de explicações e apartes entre parêntesis que facilitam a leitura e interpretação do leitor, acabam por traduzir não apenas termos chineses e portugueses mas também há-bitos e interesses económicos das diversas comunidades que interagem em Macau¹³¹, remetendo para a problemática da representação do Ou-tro, as suas limitações e manipulações¹³². O excerto da obra que serve de epígrafe a este trabalho expressa essa mesma tentativa de compreensão que a jovem diarista unitária¹³³ tenta levar a cabo no seu longo e, por

¹³⁰ A acentuação do topónimo deve-se, decerto, à influência das aulas de castelhano que a autora afirma frequentar em Macau.

¹³¹ Veja-se Susan J. Henders, «Prefácio», in Carlos José Caldeira, *Macau em 7850: Crónica de Viagem*, 1997, pp. IV-V: "Apesar do verniz europeu, Macau era uma cidade predominantemente chinesa, com 20 a 25 000 habitantes chineses. Só 4000 a 5000 dos seus residentes eram de origem portuguesa, sendo 2/3 mulheres. Separados por religião, linguagem, classe social, riqueza e preconceito, os comerciantes europeus e os portugueses de Macau, apesar de mutuamente dependentes, não se misturavam". Já Maurice Collis, *Foreign Mud*, 1946, p. 17, afirma que em Macau existem em 1830 cerca de 3000 portugueses de sangue puro e misto.

¹³² Cf. Ovidi Carbonell i Cortés, *passim Traducir al Otro: Traducción, exotismo, poscolonialismo*, 1997. Veja-se também Zita Nunes, «Race under Representation», in *Culture/Contexture: Explorations in Anthropology and Literary Studies*, 1996, pp. 235-272.

¹³³ Elma Loines, *The China Trade*, p. 18, descreve Harriet da seguinte forma: "[...] a gay spirit, tinged with the seriousness which was an inheritance from her Puritan ancestors. She was strong in her Unitarian belief in proper daily living, to

vezes, penoso processo de adaptação numa sociedade, simultaneamente, exótica e familiar, mas sempre distante e solitária para uma emigrante solteira norte-americana. Não será, portanto, de estranhar que, num ter-rítório e sociedade já bem conhecidos, as entradas do final do diário se tornem desabafos mais espirituais e menos mundanos, à medida que também a sensação de exotismo se vai esbatendo, enquanto a autora enu-mera os navios americanos que chegam e partem do Sul da China.

Todos estes elementos concorrem para tornar este testemunho intimista e documento autobiográfico uma fonte importante para a his-tória (cultural) de Macau oitocentista, obviamente diferente da docu-mentação 'masculina', em que impera, sobretudo, um interesse comerci-al, e cuja atenção na cidade apenas se mantém durante as estações de repouso, fora de Cantão. O facto de Harriet Low permanecer todo o ano em Macau torna o diário uma fonte privilegiada de informação sobre a rotina e hábitos das comunidades, sobretudo, inglesa e americana na cidade durante a primeira metade do século XIX, num tempo próximo das Guerras do Ópio que alterariam as vivências presentes no texto, bem como a importância internacional de Macau para sempre.

which she gave much thought. Channing's and Buckminster's sermons were her favorites [...]". Para um estudo em torno da tradição (feminina) protestante do diário como auto-exame espiritual, veja-se Rogério Miguel Puga, «"Busie in the Closett [...] and about the house": O diário de *Lady Margaret Hoby* (1599-1605)», *Faces de Eva*, no prelo.

BIBLIOGRAFIA:

Bibliografia activa:

HILLARD, Harriet Low, *My Mother's Journal: A Young Lady's Diary of Five Years Spent in Manila, Macao and the Cape of Good Hope from 1829-1834*, introdução e notas de Katherine Hillard, George H. Ellis, Boston, 1900.

Bibliografia passiva:

AA VV, *George Chinnery (1774-1852): Macau uma viagem sentimental*, Fundação Oriente e Fundação das Descobertas, Lisboa, 1995.

ADAMS, Sandra, «O lugar da mulher no Ocidente e no Oriente: espartilhos versus pés enfaixados», in *Revista de Cultura*, n. 24, II série, I. C. M., Macau, Julho-Setembro, 1995, pp. 53-83.

ALMEIDA, Miguel Vale de, *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Fim de Século Edições Lda, Lisboa, 1995.

AMARO, Ana Maria, «A Procissão do Senhor dos Passos em Macau», in *Separata de Actas do Colóquio Comemorativo do Primeiro Cen-tenário do Tratado de Pequim*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1987, pp. 1-32.

_____, *O Traje da Mulher Macaense: da Saraça ao Dó das Nhonhobha de Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1989.

BACHELARD, Gaston, *La poétique de l'espace*, Presses Universitaires de France, Paris, 1978.

BAER, Elizabeth R., «The Sisterhood of Jane Eyre and Antoinette Cosway», in Elizabeth Abel *et alii* (eds.), *THE VOYAGE IN: Fictions of Female Development*, Dartmouth College — University of New England, Hanover e Londres, 1983, pp. 131-148.

BAKHTIN, M. M., «Discourse in the Novel», in *The Dialogical Imagination: Four Essays*, introdução e notas de Michael Holquist, tradução de Caryl Emerson e Michael Holquist, University of Texas Press, Austin, 2000, pp. 259-422.

- BLOCH, Maurice, «Gender», in Alan Barnard e Jonathan Spencer (eds.), *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, Londres, 1996, pp. 353-259.
- BLODGETT, Harriet, *Centuries of Female Days: English Women's Private Diaries*, Alan Sutton, Gloucester, 1989.
- BRAGA, Isabel Mendes Drumond, «Entre o sagrado e o profano: as procissões em Portugal no século XVIII segundo alguns relatos de estrangeiros», in *A Festa*, 2.º vol., Universitária Editora, Lisboa, 1992, pp. 455-468.
- BRAGA, J. M., *With the Flowery Banner: Some Comments on the Americans in Macao and South China*, s. e., Macau, 1940.
- BREWER, Ebenezer Cobham, *The Wordsworth Dictionary of Phrase and Fable*, edição revista por Ivor H. Evans, Wordsworth Editions Ltd, Ware, 1994 [1970].
- CALLE-GRUBER, M., «Journal intime et destinataire textuel», in *Poétique*, 59, pp. 389-391.
- CHEONG, Weng Eang, *The Hong Merchants of Canton: Chinese Merchants in Sino-Western Trade*, Curzon Press, Richmond, 1997.
- COATES, Austin, *China Races*, Oxford University Press, Hong Kong e Oxford, 1984.
- _____, Macau: *Calçadas da História*, Gradiva — Instituto Cultural de Macau, Lisboa, 1991 [1978].
- COELHO, Rogério Beltrão, *Casa Garden*, Fundação Oriente, Macau, 1991.
- COLLIS, Maurice, *Foreign Mud*, Faber, Londres, 1946.
- CONNEL, R. W., *Gender E Power: Society, the Person and Sexual Politics*, Polity Press, Cambridge, 1993 [1987].
- CONNER, Patrick, «George Chinnery and his Contemporaries on the China Coast», in *Arts of Asia*, May-June 1993, pp. 70ss.
- CORTÉS, Ovidi Carbonell i, *Traducir al Otro: traducción, exotismo, poscolonialismo*, Ediciones de la Universidad de Catilla-La Mancha, Cuenca, 1997.
- CROW, Carl, *Foreign Devils in the Flowery Kingdom*, Hamish Hamilton, Londres, 1941.
- DALGADO, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., introdução de Joseph M. Piel, Helmut Buske Verlag, Ham-burgo, 1982 [1919-1921].

- DANTON, George H., *The Culture Contacts of the United States and Chi-na: The Earliest Sino-American Contacts, 1784-1844*, Barnes & Nobles, Nova Iorque, 1963 [1931].
- DAVIDSON, Cathy e Linda Wagner-Martin (eds.), *The Oxford Companion to Women's Writing in the United States*, Oxford University Press, Oxford, 1995.
- DENNETT, Tyler, *Americans in Eastern Asia*, Barnes & Nobles, Nova Iorque, 1963 [1922].
- DIAS, Alfredo Gomes Dias, *Macau ea I Guerra do Ópio*, Livros do Orien-te, Macau, 1993.
- _____, *Sob o Signo da Transição: Macau no Século XIX*, Livros do Oriente, Macau, 1998.
- DIDIER, B., *Le journal intime*, P. U. F., Paris, 1976.
- DOWNS, Jacques M., «American Merchants and the China Opium Trade, 1800-1840», in *Business History Review*, vol. 42, n.º4, 1968, pp. 435-54.
- _____, «The Commercial Origins of American China Policy, 1784-1844», in Jonathan Goldstein *et alii* (eds.), *America Views China*, Lehig University Press, Bethlehem, 1991, pp. 55-61.
- _____, «Fair Game: Exploitive Role-Myths and the American Opium Trade», in *Pacific Historical Review*, vol. 41, n.º 2, Maio 1972, pp. 133-49.
- _____, *The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy, 17884-1844*, Lahig University Press, Bethlehem, 1997.
- DULLES, Foster Rhea, *The Old China Trade*, Houghton Mifflin, Boston, 1930.
- EASTMAN, Lloyd E., *Family, Fields and Ancestors: Constancy and Change in China's Social and Economic History 1550-1949*, Oxford, Oxford University Press, 1988.
- EDWARDS, Mike, «China's Gold Coast», in *National Geographic Ma-gazine*, vol. 191, n.º 3, March 1997.
- ESTORNINHO, Carlos A. G., «Macau na história das relações sino-americanas», in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lis-boa*, n.ºs 4-6, 72.^a série, 1954, Lisboa, pp. 249-264.
- FAIRBANK, John K., «'American China Policy' to 1898: A Miscon-ception», in *Pacific Historical Review*, vol. 39, n.º 4, 1970, pp. 409-20.

- _____, *Chinese-American Interactions: A Historical Summary*, Rutgers University Press, New Brunswick-N. J., 1975.
- FOTHERGILL, Robert, *Private Chronicles: A Study of English Diaries*, Oxford University Press, Oxford, 1974.
- FRANCIS, David, *Portugal 1715-1808: Joanine, Pombaline and Rococo Portugal as Seen by British Diplomats and Traders*, Tamesis Books Limited, Londres, 1985.
- GEERTZ, Clifford, *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*, Fontana Press, Londres, 1993.
- GENETTE, G., *Seuils*, Éd. Seuil, Paris, 1987.
- GOMES, Luís Gonzaga, *Páginas da História de Macau*, Col. «Notícias de Macau», Macau, 1966.
- GOUVEIA, António Camões, s. v. «Procissões», in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. P-V, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001, pp. 67-72.
- GRAHAM, Edward D., *American Ideas of a Special Relationship with Chi-na, 1784-1900*, Garland Publishing Inc., Nova Iorque, 1988.
- GRIMSHAW, Anna, *The Ethnographer's Eye: Ways of Seeing in Modern Anthropology*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001.
- HAO, Yen-P'Ing, *The Compradore in Nineteenth Century China: Bridge Between East and West*, Harvard University Press, Cambridge-Massachussets, 1970.
- HARAWAY, Donna J., *Feminism and Technoscience*, Routledge, Londres, 1997.
- HAYES, A. A., Jr, «Pidgin English», in *Scribner's Monthly: An Illustrated Magazine for the People*, vol. XV, Nov. 1877- April 1878, Scribner & Co., Nova Iorque, pp. 372-376.
- HENDERS, Susan J., «Prefácio», in Carlos José Caldeira, *Macau em 1850: Crónica de Viagem*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa - Quetzal Editores, Lisboa, 1997, pp. I- VIII.
- HILLARD, Katherine, «Introduction», in Harriet Low Hillard, *My Mother's Journal: A Young Lady's Diary of Five Years Spent in Manila, Macao and the Cape of Good Hope from 1829-1834*, George H. Ellis, Boston, 1900, pp. v-vii.

- _____, «Postscript», in Harriet Low Hillard, *My Mother's Journal: A Young Lady's Diary of Five Years Spent in Manila, Macao and the Cape of Good Hope from 1829-1834*, George H. Ellis, Boston, 1900, pp. 318-320.
- HOLM, John, *Pidgins and Creoles*, vol. II: *Reference Survey*, Cambridge University Press, Cambridge, 1989.
- HOLMSTROM, Nancy, «Race, gender, and human nature», in Dina Anselmi *et alii*, *Questions of Gender: Perspectives and Paradoxes*, McGraw Hill, Londres, 1998, pp. 97-105.
- HUNTER, William C, *Bits of Old China*, Kegan Paul, Trench, & Co., Londres, 1885.
- _____, *The 'Fan Kwae' at Canton Before Treaty Days 1825-1844*, Ch'eng-wen Publishing Company, Taipei, 1970.
- ISER, Wolfgang, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1980.
- KAGLE, S. E., «The diary as art: a new assessment», in *Genre*, VI, 4, 1973, pp. 416-427.
- KOLLARD, J. A. [J. M. Braga], *Early Medical Practice in Macao*, Inspeção de Serviços Económicos, Macau, 1935.
- LANCASTER, Roger N. e Micaela di Leonardo, *The Gender Sexuality READER: Culture, history, political economy*, Routledge, Londres, 1997.
- LATOURETTE, Kenneth Scott, *The History of Early Relations between the United States and China, 1784-1844*, Yale University Press, New Haven, 1917.
- LESSA, Almerindo, «A População de Macau: génese e evolução de uma sociedade mestiça», in *Revista de Cultura*, n.º 20 (II série), Julho Setembro 1994, Instituto Cultural de Macau, Macau, pp. 97-126.
- LODGE, David, «The Epistolary Novel», in *The Art of Fiction*, Penguin Books, Harmondsworth, 1992, pp. 21-24.
- LOINES, Elma, *The China Trade Post-Bag of the Seth Low Family of Salem and New York*, Falmouth Publishing House, Manchester-Maine, 1953.
- _____, «Francis Low, a Salem youth dies on board ship in the China sea», in *The Essex Institute Historical Collections*, vol. LXXXVII, Julho: 1951, Salem-Massachusetts, pp. 261-268.

- _____, «Houqua, sometime chief of the co-Hong at Canton (1769-1843)», in *The Essex Institute Historical Collections*, vol. LXXXIX, n.º 2, Abril:1953, Salem- Massachusetts, pp. 99-108.
- LOMBARD, Denis, «Impressões de Macau do Conde de Beauvoir», in *Revista de Cultura*, n.º 23 (II série), Abril-Junho, 1995, Instituto Cultural de Macau, Macau, pp.97-110.
- LOW, Abiel Abbot et alii, «More Canton Letters of Abiel Abbot Low, William Henry Low, and Edward Allen Low (1837-1844)», introdução e notas de Elma Loines, *The Essex Institute Historical Collections*, vol. LXXXV, Julho: 1949, n.º 3, Salem-Massachusetts, pp. 215-244.
- LOW, William Henry, «The Canton Letters of William Henry Low, 1839-1841», introdução e notas de James Duncan Philips, in *The Essex Institute Historical Collections*, Vol. XXXIV, n.º 43, Julho: 1948, Salem-Massachusetts, pp. 197-228.
- _____, «The Canton Letters of William Henry Low, 1839-1841», introdução e notas de James Duncan Philips, in *The Essex Institute Historical Collections*, Vol. XXXIV, Outubro: 1948, Salem-Massachusetts, pp. 304-330.
- LUCAS, Maria Manuela, «Organização do Império», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, volume V: *O Liberalismo*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1993, pp. 285-311.
- LUI, Kwang-Ching, *Americans and Chinese*, Cambridge University Press, Cambridge, 1963.
- MATHEWS, William, *An Annotated Bibliography of British Diaries Written Between 1442 and 1942*, University of California Press, Berkeley, 1950.
- MAXWELL, Kenneth, «Macao: The Shadow Land», in *World Policy Journal*, vol. XVI, n.º 4, Winter 1999/2000, pp. 73-95.
- MAY, Ernest R. et alii (eds.), *America-East Asian Relations: A Survey*, Harvard University Press, Cambridge, 1972.
- MILLER, Hunter (ed.), *Treatises and Other International Acts of the United States of America*, vol. 4, Washington DC, United States Government Printing Office, 1934, pp. 647-662.
- MORSE, Hosea Bailou, *The Chronicles of the East India Company trading to China, 1835-1834*, 4 vols., Oxford at the Clarendon Press, 1926.

- NIN, Anaïs, *The Novel of the Future*, Peter Owen, Londres, 1969.
- NUNES, Zita, «Race under Representation», in *Culture/Contexture: Explorations in Anthropology and Literary Studies*, University of California Press, Berkeley, 1996, pp. 235-272
- OLIVEIRA, Celina Veiga de, «A história e a modelação do estatuto de Macau», in *Administração: Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 19/20, 1993, Serviço de Administração e Função Pública, Macau, pp. 7-21.
- ORANGE, James, *The Charter Collection: Pictures Relating to China, HongKong and Macao, 1655-1860, with Historical and Descriptive Letterpress*, Thornton Butterworth Limited, Londres, 1924, p. 38.
- OUSBY, Ian, s. v. «Colman, George, the younger», in *The Wordsworth Companion to Literature in English*, Wordsworth Editions Ltd., Ware, 1994, p. 193.
- PINTO, Carla Alferes, «A Casa Garden na cidade do Nome de Deus de Macau», in *Oriente*, n.º 1, Setembro-Dezembro 2001, Fundação Oriente, Lisboa, pp. 18-22.
- PITTIS, Donald e Susan J. Henders (eds.), *Macao: Mysterious Decay and Romance*, Oxford University Press, Oxford-Hong Kong, 1997.
- PUGA, Rogério Miguel, «"Busie in the Closett [...] and about the house": O diário de Lady Margaret Hoby (1599-1605)», in *Fa-ces de Eva: estudos sobre a Mulher*, Edições Colibri-Univer-sidade Nova de Lisboa, no prelo.
- _____, «A dimensão multicultural de Macau em The Travels de Peter Mundy (1637)», in *MacaU*, Gabinete de Comuni-cação Social de Macau-Livros do Oriente, 2002, no pre-lo.
- _____, «Exotismo», in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos Literários*, Editorial Verbo, Lisboa, no prelo.
- _____, «Género», in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos Lite-rários*, Editorial Verbo, Lisboa, no prelo.
- _____, «Images and Representations of Japan and Macao in Peter Mundy's Travels (1637)», *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 1, Centro de História de Além-Mar, Uni-versidade Nova de Lisboa, 2000, pp. 97-109.

- REIS, Carlos e Ana Cristina M. Lopes, s.v. «Diário», in *Dicionário de Narratologia*, Livraria Almedina, Coimbra, 1994, pp. 105-107.
- RIBEIRO, Jorge Martins, *A comunidade britânica no Porto durante as invações francesas 1807-1811*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1990.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, «A restauração da carta Constitucional: cabralismo e anticabralismo», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, vol. V: *O Liberalismo*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1993, pp. 107-119.
- RIDE, Lindsay e May, *An East India Company Cemetery: Protestant Burials in Macao*, Hong Kong University Press, Hong Kong, 1996.
- ROUSSET, J. Rousset, «Le journal intime, texte sans destinataire?», in *Poétique*, n.º 56, 1983, pp. 435-443.
- RUBENSTEIN, Murray, *The Origins of the Anglo-American Missionary Enterprise in China, 1807-1840*, ATLA Monograph Series n.º 33, Scarecrow Press, N. J., 1994.
- SAID, Edward, *Orientalism*, Penguin Books, Harmondsworth, 1995 [1978].
- SARGENT, William R., «Macao, Portugal and the Salem Connection: Harriet Low and the Peabody Essex Museum», in *Oriental Art*, vol. XXVI, n.º 3, 2000, Aileen Lau, Londres, pp. 76-83.
- SEGALEN, Victor, *Essai sur l'Exotisme*, Le Livre de Poche, Paris, 1999.
- SHI, Dingxu, «Chinese Pidgin English: Its Origin and Linguistic Features», in *Journal of Chinese Linguistics*, vol. 19, n.º 1: January 1991, University of California, Berkeley, pp. 1-40.
- SHIPP, Steve, *Macau, China: A Political History of the Portuguese Colony's Transition to Chinese Rule*, McFarland & Company, Inc. Publishers, Londres, 1997.
- SILVA, Henrique Rola da, «Macau há cem anos», *Maca U*, Abril 1999, II série, n.º 84, Gabinete de Comunicação Social de Macau — Livros do Oriente, Macau, pp. 76-80.
- SIMONS, P., «Portraiture, Portrayal, and Idealization: Ambiguous Individualism in Representations of Renaissance Women»,

- in A. Brown (ed.), *Language and Images of Renaissance Italy*, Oxford University Press, Oxford, 1995, pp. 263-311.
- STEINER, George, *After Babel: Aspects of Language and Translation*, Oxford University Press, Londres, 1975.
- STEELE, Charles Clarkson, *Americans and the China Opium Trade in the Nineteenth Century*, Arno Press, Nova Iorque, 1981.
- TEIXEIRA, Manuel, «An Ancestor of two Presidents of the United States of America who Lived in Macao», in *Review of Culture*, n.º 27-28 (2nd Series), 1997, Instituto Cultural de Ma-cau, Macau, pp. 53-54.
- _____, «Attack on an American Vessel in Macao harbour», in *Review of Culture*, n.º 27-28, 1997, (2nd Series), 1997, Instituto Cultural de Macau, Macau, pp. 49-51.
- _____, *George Chinnery no bicentenário do seu nascimento*, Imprensa Nacional, Macau, 1974.
- _____, *Macau no século XIX visto por uma jovem americana*, Direcção dos Serviços e Educação e Cultura, Macau, 1981.
- _____, *Toponímia de Macau*, vol. 2, Imprensa Nacional, Macau, 1981.
- _____, «Samuel Shaw: The First American Consul in Macao», in *Review of Culture*, n.º 27-28 (2nd Series), 1997, Instituto Cultural de Macau, Macau, pp. 45-47.
- TODOROV, Tzevan, *La Conquête de l'Amérique: La question de l'autre*, Éditions du Seuil, Paris, 1982.
- VARGUES, Isabel Nobre e Luís Reis Torgal, «Da revolução à contra-revolução: vintismo, cartismo, absolutismo. O exílio político», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, volume V: *O Liberalismo*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1993, pp. 65-87.
- WALTER, Eugene Victor, *Placeways: A Theory of the Human Environment*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1988.
- WILEY, Peter Booth, *Yankees in the Land of the Gods*, Viking-Penguin, Nova Iorque, 1990.
- WOOLF, Virginia, *The Diary of Virginia Woolf 1915-1941*, vol. 1, introdução e notas de Anne Oliver Bell, vol. 1, Harcourt Brace Jovanovich, Nova Iorque, 1977-1984.
- YULE, Henry e A. C. Burnell, *Hobson-Jobson: The Anglo-Indian Dictionary*, Wordsworth Editions Ltd, Ware, 1996 [1886].